

Nº 509 • ANO XLVI  
JULHO 2016 • MENSAL • €1,50

# Revista da ARMADA



**CLASSE TEJO**

**NOVOS PATRULHAS**

# Revista da ARMADA



## OFERTA ARSENAL DO ALFEITE

À entrada das instalações da nossa Revista está já colocada a placa com o novo logótipo, da autoria da Assistente Técnica de Desenho Aida Cristina Medeiros Pinto Faria. Oferecida pela Arsenal do Alfeite, S.A., onde foi manufaturada, constitui uma excelente obra, reveladora da qualidade do trabalho efetuado e da mestria que aquela empresa detém nesta área específica do tratamento do metal.

A Revista da Armada agradece a oferta à Administração da AA, S.A., em particular ao CALM ECN Rapaz Lérias, bem como àqueles que contribuíram para a materialização desta perfeita obra e que se encontram identificados no texto abaixo, que publicamos com gratidão.

*Como tudo, começa um tempo de mudança... e vai até à luz!*

*O símbolo, que sempre nos acompanhou, evolui, não muda na verdade, é parte do espírito, da vida, (re)cria-se, estima-se e dá-se à luz.*

*Este novo símbolo, entenda-se a placa, fruto da sensível rudeza num gesto criador de formas perdurantes que são honradas, há-de honrar um tempo.*

*Este é o tempo.*

*Em artes que se vão perdendo, mesmo nos resultados singelos como este é exemplo, há sempre gente dentro: Mário Figueiredo, Balbino Escoval e Mário Tiago na fatal modernização tecnológica, António Varela Filipe na criação do estado da arte, Francisco Charrua (Xico) e Luís Chaves na transformação do metal moldado na terra, aquela terra tão simples, Carlos Fernandes e Carlos Romão Mendes (Romãozinho) na imposição da beleza final, que resulta na luz da primeira frase.*

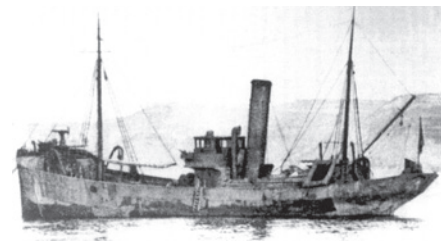
*É de gente e de metal que se trata.*

*A gente vai, o metal, na sua humanizada forma, fica. Que fique!*

Fernando Cruz  
(gestor de projeto e coordenador da execução)

## SUMÁRIO

02	Oferta. Arsenal do Alfeite
04	Strategia 23
10	Força Naval Portuguesa. Demonstração de Capacidades
14	CITAN
16	Aumento ao Efetivo. NRP <i>Tejo</i>
17	Navio de Patrulha Costeiro. Classe <i>Tejo</i>
20	Tomadas de Posse
21	Entrega de Comando / Revista da Armada. Prémios 2015
22	Academia de Marinha
23	Seminário de Psicologia “Seleção de Pessoal e Apoio Psicológico”
24	Aniversários / Saibam Todos
25	Estórias (23) / Livros
26	Vigia da História (85)
28	Novas Histórias da Botica (54)
29	Saúde Para Todos (36)
30	Desporto
31	Convívios
33	Quarto de Folga
34	Notícias Pessoais / Convívios
CC	Símbolos Heráldicos

NRP ÁLVARES CABRAL 06  
25 ANOS09 10 DE JUNHO.  
COMEMORAÇÕESCAÇA-MINAS 12  
ROBERTO IVENS**Capa**

Primeira cerimónia do Içar da Bandeira no NRP *TEJO*.  
Foto ISAR A Ferreira Dias



Revista da  
**ARMADA**

Publicação Oficial da Marinha  
Periodicidade mensal  
Nº 509 / Ano XLVI  
Julho 2016

Revista anotada na ERC  
Depósito Legal nº 55737/92  
ISSN 0870-9343

**Diretor**  
CALM Carlos Manuel Mina Henriques

**Chefe de Redação**  
CMG Joaquim Manuel de S. Vaz Ferreira

**Redatora**  
1TEN TSN-COM Ana Alexandra G. de Brito

**Secretário de Redação**  
SMOR L Mário Jorge Almeida de Carvalho

**Desenho Gráfico**  
ASS TEC DES Aida Cristina M.P. Faria

**Administração, Redação e Publicidade**  
Revista da Armada – Edifício das Instalações  
Centrais da Marinha – Rua do Arsenal  
1149-001 Lisboa – Portugal  
Telef: 21 159 32 54  
Fax: 21 193 84 69

**E-mail da Revista da Armada**  
revista.armada@marinha.pt  
revistaarmada.secretaria@marinha.pt

**Paginação eletrónica e produção**  
MX3 Artes Gráficas, Lda.

**Tiragem média mensal**  
4000 exemplares

**Preço de venda avulso:** € 1,50

## Portugal na Ciberdefesa da NATO

### INTRODUÇÃO

Nos últimos dois artigos, abordámos a crescente utilização e dependência da sociedade atual relativamente ao ciberespaço; o bem-estar, mas também os riscos e as ameaças que daí advêm; e a consequente edificação de capacidades de ciberdefesa na América do Norte e na Europa, com enfoque nos desenvolvimentos a nível nacional e na NATO.

Encerramos agora esta “Ciber-Trilogia” com uma reflexão integrada sobre o contributo nacional para o desenvolvimento da Política Reforçada de Ciberdefesa da NATO, o papel de liderança que Portugal vem assumindo no seio da Aliança na vertente da formação e treino em ciberdefesa, e o caminho a seguir para sustentar e reforçar a posição nacional neste domínio.

### POLÍTICA REFORÇADA DE CIBERDEFESA DA NATO

Perante o contínuo aumento da sofisticação, da frequência e dos potenciais danos que os ciberataques podem provocar, os Chefes de Estado e de Governo dos 28 Aliados endossaram na Cimeira de Gales, em 2014, a Política Reforçada de Ciberdefesa da NATO, que veio substituir a política de 2011. A título de curiosidade, podemos identificar aqui uma tendência da NATO rever a sua política de ciberdefesa (e respetivo plano de ação) a cada três anos, o que poderá constituir uma boa prática a seguir nacionalmente.

A atual política relembra que a responsabilidade fundamental da NATO é proteger as suas próprias redes e que a assistência aos Aliados (com meios da NATO) deve ser encarada dentro do espírito da solidariedade, salientando, contudo, a responsabilidade das nações desenvolverem as suas capacidades de ciberdefesa.

Uma das novidades desta política é o reconhecimento de que os ciberataques podem ter um impacto idêntico ao de um ataque convencional, estabelecendo, por conseguinte, que a ciberdefesa se insere na tarefa de defesa coletiva e que um ciberataque a um Aliado pode levar à invocação do artigo 5º do Tratado de Washington. Outro aspeto inovador é a afirmação de que o direito internacional, incluindo a carta das Nações Unidas e o direito dos conflitos armados, se aplica ao ciberespaço.

A política aprovada destaca, ainda, o conhecimento residente no setor privado e lança as bases para a *NATO Industry Cyber Partnership* (NICP)<sup>1</sup>. Salienta a necessidade de reforçar a cooperação com a UE e de atribuir uma atenção especial à formação, treino e exercícios, dando orientações para a criação de novos cursos, em especial na Escola de Comunicações e Sistemas de Informa-



(Fonte: www.smdc.army.mil)

ção da NATO (NCISS), em vias de ser transferida de Latina (Itália) para Oeiras (Portugal). Neste âmbito, determina a edificação da capacidade *NATO Cyber Range*<sup>2</sup>, com base numa infraestrutura já existente na Estónia e tendo também em consideração as valências e as necessidades da NCISS.

### CONTRIBUTO DE PORTUGAL PARA A POLÍTICA DE CIBERDEFESA DA NATO

Portugal empenhou-se, particularmente, na redação dos capítulos referentes à assistência aos Aliados, à formação e treino, e à cooperação com a UE.

Relativamente ao primeiro tema, a ação nacional, concertada com outros Aliados, permitiu que a política consagrasse, pela primeira vez, as modalidades em que os meios da NATO, designadamente as Equipas de Reação Rápida, podem ser empregues para prestar assistência a Aliados alvo de ciberataques graves.

No que respeita à formação e treino, Portugal redigiu a base do texto refletido na política, dando relevo, tanto à NCISS, como ao projeto *Smart Defence*<sup>3</sup> “*Multinational Cyber Defence Education and Training*” (MN CD E&T), que abordaremos mais à frente. As orientações aprovadas (após exigentes negociações com a Estónia) abriram portas a que a NCISS possa assumir um lugar de relevo na formação e treino em ciberdefesa na NATO, demarcando o terreno face às capacidades já instaladas no *Cooperative Cyber Defence Centre of Excellence*, em Talin.

O acordo de reforço da cooperação NATO-UE veio dar cobertura política à cooperação que Portugal tem vindo a encetar com a Agência Europeia de Defesa (EDA), no quadro do projeto MN CD E&T e da potencial abertura à UE dos cursos de ciberdefesa a ministrar em Oeiras.

## PORTUGAL NA LIDERANÇA DA FORMAÇÃO E TREINO EM CIBERDEFESA

Em resultado do ambicioso programa de reformas decidido na Cimeira de Lisboa, em 2010, as Agências e a Estrutura de Comandos da NATO foram significativamente racionalizadas. Uma das decisões consistiu em transferir a NCISS para Oeiras, instalando-a no Reduto Gomes Freire, outrora ocupado pelo *Joint Force Command Lisbon*. A escola passou a integrar a estrutura organizacional da Agência de Comunicações e Informação da NATO (NCIA).

Desta forma, Portugal irá acolher, a partir de 2018, a escola tecnologicamente mais avançada da NATO, cabendo-lhe não só gerir o projeto do novo edifício, cuja construção se iniciará já este ano, mas também contribuir para o alargamento dos currículos e assim aumentar a atratividade e competitividade da instituição, que irá funcionar no regime de financiamento pelo cliente (por contraposição ao regime anterior de financiamento comum da NATO).

Para traduzir o aumento da oferta curricular e dos graus de formação, a escola passará a chamar-se Academia, estando ainda em discussão a designação final que melhor reflita a importância acrescida da componente cibernética. Refira-se, a este propósito, que a Academia é parte integrante da capacidade *NATO Cyber Range*, estando em curso o processo tendente à modernização do *Cyber Lab* da NCISS e à sua federação com a *Cyber Range* da Estónia, que constitui a componente central daquela capacidade.

Foi neste contexto que a NATO lançou o repto a Portugal para liderar o projeto *Smart Defence* MN CD E&T, que visa colmatar lacunas de formação e treino em ciberdefesa na Aliança, através da criação de novos cursos a ministrar na Academia de Oeiras ou aproveitando cursos existentes nas nações, passíveis de serem acreditados pela NATO. O projeto tem como segundo objetivo providenciar uma plataforma *web* para a coordenação das atividades de formação na NATO, iniciativa que está a ser desenvolvida em estreita colaboração com a EDA, que adjudicou a criação da plataforma a um consórcio nacional e atribuiu a sua futura gestão a Portugal.

A gestão do projeto MN CD E&T – em que participam 18 países, diversas entidades NATO, o Centro de Excelência de Talin e empresas e universidades americanas e europeias – está a cargo de uma equipa do Exército, que tem sabido explorar a liderança desta iniciativa para projetar Portugal no domínio da ciberdefesa, tanto ao nível da NATO como da UE.

## DE GALES A VARSÓVIA

Com a aproximação a passos largos da Cimeira de Varsóvia (8 e 9 de julho), a Aliança iniciou já um balanço sobre o progresso atingido na implementação do plano de ação aprovado em Gales. Enquanto a operacionalização da atual política permanece a primeira prioridade, os Aliados não deixaram de debater o caminho a seguir após a Cimeira de 2016. É, pois, de perspetivar que a NATO venha a reconhecer o ciberespaço como um novo domínio operacional autónomo, à semelhança da terra, do mar e do ar. Esta mudança de postura será, na nossa opinião, um motivo mais que suficiente para uma nova política de ciberdefesa da NATO, possivelmente em 2017 (o que se enquadraria no aludido ciclo de revisão de três anos).

A Cimeira deverá, também, ser aproveitada para firmar um “Ciber-Compromisso”, ao mais alto nível, através do qual os Aliados



Projeto da Futura Academia NATO de Oeiras.

se comprometerão a reforçar as suas capacidades para proteger as infraestruturas e redes nacionais, e a atingir com maior celeridade os objetivos que lhes foram atribuídos no âmbito do Processo de Planeamento de Defesa NATO.

Neste cenário, o desafio para Portugal será conseguir sustentar a imagem de uma das nações que lideram a ciberdefesa Aliada, dando continuidade aos esforços de centralizar a formação e o treino em Oeiras, extendendo os cursos à UE (que está a analisar a edificação de um Centro para o mesmo efeito) e aproveitando para criar, em torno da Academia NATO, um Polo de Excelência nacional no domínio da ciberdefesa, promovendo sinergias com a nossa indústria e universidades.

A afirmação de Portugal neste domínio não será, contudo, possível, sem um significativo reforço da capacidade de ciberdefesa nacional, não apenas em termos técnicos, mas também aos níveis estratégico e operacional. Os desenvolvimentos na NATO e nos Aliados mais avançados demonstram a importância de uma Estratégia de Ciberdefesa Nacional, operacionalizada através de um Plano de Ação sujeito a uma monitorização e revisão periódicas.

Em nossa opinião, uma tal estratégia<sup>4</sup> e plano de ação poderiam contemplar a adesão de Portugal ao Centro de Excelência de Talin, bem como as linhas de ação para, num futuro próximo, se estabelecer um Comando de Ciberdefesa Nacional<sup>5</sup>, com os recursos humanos adequados e uma liderança desejavelmente ao nível de oficial general. O “Ciber-Compromisso” a assumir pelo Primeiro Ministro em Varsóvia será, sem dúvida, um catalisador para Portugal atingir mais rapidamente este nível de ambição.

  
Sardinha Monteiro  
CFR

Silva Pinto  
CFR EN-AEL

### Notas

<sup>1</sup> A NICP é uma plataforma de cooperação entre a NATO, a indústria e a academia dos Aliados, focada na partilha de informação e iniciativas de investigação, desenvolvimento e inovação.

<sup>2</sup> *Cyber Range* refere-se ao ambiente virtual isolado, utilizado para formação, treino, exercícios e desenvolvimento de técnicas de cibersegurança/defesa.

<sup>3</sup> A *Smart Defence* foi lançada em 2012, na Cimeira de Chicago, consistindo numa iniciativa em que a NATO atua como facilitadora para que os Aliados possam desenvolver, adquirir, operar e manter capacidades militares, através de projetos multinacionais.

<sup>4</sup> Enquadrada na Estratégia Nacional de Segurança do Ciberespaço (junho de 2015).

<sup>5</sup> Vacionado para as operações militares no ciberespaço, reforçando a capacidade do Centro de Ciberdefesa.

# NRP ÁLVARES CABRAL

25 ANOS

## PRÓLOGO

A intenção de substituir as fragatas da classe *Pereira da Silva*, construídas em Portugal nos anos 60 do século passado, com base num projeto da Marinha americana, teve origem no final da década seguinte com decisão nos anos 80. A inadequação, em termos de capacidades, dos navios então existentes (incluindo as fragatas da classe *João Belo*), não permitia a Portugal participar com os requisitos operacionais e meios adequados em missões da Organização do Tratado do Atlântico Norte (OTAN). Estas plataformas não detinham as valências já então necessárias para as operações navais, como sistemas de Mísseis, sistemas de Comando, Controlo e de Comunicações avançados, meios para luta antissubmarina (ASW) como helicóptero orgânico, etc.

Assim, e apesar da crise financeira do Estado, que obrigou às intervenções do Fundo Monetário Internacional (FMI) em 1977 e 1983, surge o requisito de não só reequipar a Marinha com meios que satisfizessem as necessidades operacionais de uma força militar moderna, mas também de o país se afirmar politicamente, após

um longo e desgastante processo de guerra colonial, ao se redirecionar para o Atlântico Norte e para as missões do âmbito da OTAN.

A construção das 3 fragatas do tipo Meko<sup>1</sup> 200, futura classe *Vasco da Gama*<sup>2</sup>, com decisão tomada em 1985 e início da construção em 1989, foi atribuída ao consórcio *Blohm+Voss*, tendo, grande parte do custo total e do fornecimento de material e sistemas para os navios, sido suportada pelas contribuições da OTAN e de alguns dos seus membros.

Numa década marcada em Portugal pela dinâmica de integração resultante da entrada na Comunidade Económica Europeia, a vinda destes navios foi, naquele final de século, a mais importante mudança na Marinha. Revolucionaram-se áreas como a organização interna das unidades navais e o treino dessas unidades e das suas guarnições, trazendo uma nova cultura de elevados padrões operacionais e de modernização a toda a Marinha. Isso permitiu ao país não só comandar forças da OTAN e da União Europeia (UE), mas também consolidar a sua posição como parceiro



indispensável na produção de segurança, contribuindo desta forma para a afirmação de Portugal.

Ao dispor de capacidade combatente para assegurar as tarefas de defesa militar, a sua principal função é a escolta e a luta ASW, disciplina da guerra que ressurgiu recentemente com elevada prioridade por parte da OTAN. Assim, mantem-se a necessidade de preservar estas plataformas, como naquela altura, tão modernizadas quanto possível, face às novas exigências operacionais e ao avanço tecnológico entretanto registado.

Este artigo, integrado nas comemorações dos 25 anos da classe *Vasco da Gama*, surge no seguimento de outros entretanto publicados em janeiro e fevereiro deste ano pela Revista da Armada. Revela pequenos acontecimentos de um navio singular, sem, no entanto, se desvincular da própria história que a sua classe tem erigido na nossa Marinha.

## O NOSSO NAVIO

O NRP *Álvares Cabral*, lançado à água em 6 de junho de 1990, é o segundo navio da classe e foi o primeiro a ser concebido nos estaleiros navais da HDW, em *Kiel*, Alemanha. Foi aumentado ao efetivo da Marinha no dia 24 de maio de 1991, celebrando este ano um quarto de século que se encontra ao serviço para assegurar a defesa dos interesses de Portugal no Mar. Desde então tem cumprido um conjunto de tarefas no âmbito da defesa militar, do apoio à política externa e da segurança e autoridade do Estado, sendo, no mar e a partir do mar, um multiplicador do poder nacional em qualquer parte do mundo.

Cada missão é um momento especial da sua já longa vida. As tarefas puramente militares servindo o propósito político, a diplomacia naval no apoio à política externa nacional, a escolta de navios considerados valiosos, o combate ao terrorismo, a luta contra a pirataria, as operações interagência como as de combate ao narcotráfico, o apoio humanitário em situações de catástrofe e a busca e salvamento, são algumas das já realizadas. Entre outras missões, a *Álvares Cabral* fez uma circum-navegação ao continente africano, comandou e participou por diversas vezes integrado em forças militares da OTAN, da UE e da Força de Reação Imediata (FRI) nacional, participou em missões de apoio humanitário ou de resgate como na Ilha do *Fogo* em Cabo Verde, ou em *Jazirt Mount al Tair*, ilha do Iémen no Mar Vermelho, arvorando sempre orgulhosamente a bandeira nacional por aquelas paragens.

O navio já percorreu para cima de 423 mil milhas em mais de 36 mil horas de navegação, tendo demandado até à data 75 portos em todo o mundo. Visitou inúmeros países onde a nossa diáspora está marcadamente presente, incluindo os países amigos da Comunidade de Países da Língua Portuguesa. Todavia, nunca visitou as terras de Vera Cruz, aquelas que ficaram para sempre associadas ao seu patrono, visita que naturalmente teria especial significado.

Fazendo jus à tradição marítima de Portugal, se associarmos nestes 25 anos as missões de todos os navios da classe, verificamos que através dela a Marinha marcou presença em todas as regiões do globo. Assim, não será de estranhar que fruto da sua experiência secular e, mais recentemente, com a entrada destes meios ao serviço, a Marinha e os seus militares granjeiem entre os parceiros internacionais elevada reputação marinheira e de profissionalismo. A título de exemplo, em 2007, quando o NRP *Álvares Cabral* integrava a SNMG<sup>3</sup> na primeira missão da OTAN

fora da área do Atlântico e que tinha, entre outros, como objetivo fazer a circum-navegação ao continente africano, o almirante da *US Navy* comandante da força referiu durante uma cerimónia na África do Sul que, para a Organização, o melhor que poderia acontecer era “ter um navio holandês com uma guarnição de portugueses”. É certo que esta afirmação carregava também uma forte convicção pessoal, mas não podemos deixar de ficar orgulhosos pelo prestígio que a nossa Marinha tem acumulado perante os seus pares.

No campo mais lúdico também se dão provas além-fronteiras. Como exemplo, a participação desportiva por ocasião das celebrações do Reino Unido dos 200 anos da Batalha de Trafalgar, as quais contaram com a participação de 167 navios vindos de todos os continentes, onde, pelos resultados obtidos, nível de envolvimento e conduta da sua guarnição, o NRP *Álvares Cabral* conquistou o troféu de “melhor navio do torneio”.



Portos visitados pelo NRP *Álvares Cabral*.

## A SUA GUARNIÇÃO

A Dra. Maria Cavaco Silva, madrinha do navio, por ocasião da entrega do Estandarte Nacional em 23 de julho de 1991, desejou “a todos os que por aqui passarem/navegarem o melhor da vida, que é afinal a própria vida com tudo o que ela dá”.

A ação individual e coletiva de cada elemento da guarnição é que dá significado e valor à sua vida enquanto marinheiro que serve a bordo. A existência de cada um valoriza-se, portanto, pela continuidade dos atos benéficos com que contribui para a constituição da equipa, que não é mais do que a própria guarnição.

Em uma das suas anteparas, o nosso navio tem gravado aquilo que significa pertencer à guarnição, pois são eles a sua alma. São já várias as gerações de marinheiros que por aqui passaram. Todos eles deixaram o seu legado, pois uma guarnição é composta por aqueles que vivem o presente, honrando e aperfeiçoando o conhecimento deixado pelos seus antecessores. É no passado que encontramos as bases do nosso futuro e o estímulo para vencer as adversidades, tornando-nos mais resilientes. É com determinação e atitude que cada um enfrenta os desafios constantes da vida a bordo, resolvendo-os com o ânimo e serenidade necessários para que o NRP *Álvares Cabral* tenha como mote ser um navio feliz e com bom astral.

O nosso navio só é feliz se cada elemento da guarnição se sentir satisfeito a bordo, com as condições de habitabilidade adequadas e tendo os desafios que lhe permitam evoluir profissionalmente na carreira que abraçou. Terá bom astral se a segurança da guarnição e do material for salvaguardada, e estiver pronto em tempo e na posição que lhe for ordenado, transparecendo assim, aos olhos da organização, rigor e profissionalismo. Se tal acontecer, a probabilidade de ser atribuída ao navio uma daquelas missões únicas para a nossa Marinha será mais elevada, contribuindo desta forma para que os seus militares se sintam orgulhosos por nela terem participado e evoluído profissionalmente.

Cabe ao Comandante a responsabilidade de motivar a sua equipa de modo a que esta se supere, tornando o navio um instrumento de excelência, que, sem qualquer comprometimento de segurança, no mar ou em terra, cumpra a sua missão de forma exemplar e irrepreensível. É ele o derradeiro responsável pela atuação do navio, inspirando um clima de confiança junto não só do seu comando superior, mas também dos seus pares, pois no mar não estamos sozinhos. Desde 1991 o NRP *Álvares Cabral* apresenta nos seus registos onze comandantes, que, por certo, têm o nosso navio no coração e no pensamento.

Por altura do vigésimo quinto aniversário do navio, a sua guarnição não quis deixar de marcar presença nas celebrações, apesar de dois dias antes ter regressado a casa na Base Naval de Lisboa, depois ter finalizado o intenso período de 6 semanas de treino no *Operational Sea Training*<sup>4</sup> em Inglaterra. Estiveram igualmente presentes os Comandantes e representantes das anteriores guarnições, dignificando desta forma as celebrações. Se é um evento com especial significado para o seu navio, a alma tem de estar presente mostrando também nessa ocasião que o NRP *Álvares Cabral* está, mais uma vez, pronto para apitar à faina para o que Portugal e a sua Marinha necessitem.

Hoje, muito perto de celebrar 25 anos em que o Estandarte Nacional foi entregue, sempre que este sai de bordo por ocasião de alguma cerimónia de excepcional significado, o elemento da guarnição transporta, com orgulho e sentido de pertença, a história do seu navio.

## ÚLTIMAS PALAVRAS

Numa altura em que Portugal sai de um programa de resgate, que o país atravessa as dificuldades sobejamente conhecidas e que a esquadra não se apresenta com as capacidades desejáveis, não podemos deixar de observar semelhanças com os anos que despoletaram a decisão da vinda do nosso navio.

Considerando a sua já longa história e a transformação organizacional provocada, quer operacional, quer administrativa, podemos afirmar que a chegada dos navios da sua classe permitiu formar neste quarto de século a coluna vertebral da nossa Marinha, que muito tem contribuído para a afirmação e projeção internacional de Portugal. Contudo, hoje, e apesar de a plataforma continuar em bom estado, assiste-se à necessidade da adequada modernização tecnológica, sem a qual perderá a sua utilidade para a qual foi destinada.

Uma palavra de agradecimento para as nossas famílias pelo carinho com que, na retaguarda, garantem o indispensável apoio que necessitamos para acreditar que vale a pena fazer a diferença ao servir o país a bordo deste magnífico navio. Sem eles a singradura seria bem mais desafiante.

Não nos esqueçamos igualmente de quem nos apoia diariamente nos organismos em terra, pois sabemos e sentimos que esse apoio resulta também na saída do nosso navio para o mar, único local onde ele revela toda a sua utilidade.

Por fim, não podemos deixar de referir os restantes navios da classe, as nossas manas, pois com elas seremos sempre as «fragatas novas» que já marcaram a história da Marinha e que perdurarão para além do quarto de século.

Colaboração do **COMANDO DO NRP ÁLVARES CABRAL**

### Notas

<sup>1</sup> O termo MEKO é a abreviatura de *Mehrzweck Korzept* em Alemão, ou seja, conceito polivalente. Assenta na contentorização das armas, sensores e equipamentos cujas dimensões são padronizadas.

<sup>2</sup> Constituída pelos NRP *Vasco da Gama*, NRP *Álvares Cabral* e NRP *Corte Real*.

<sup>3</sup> *Standing Naval Maritime Group* – Força de reação rápida da OTAN.

<sup>4</sup> Nona participação do navio naquele centro de treino de excelência, sobre a qual será elaborado um artigo específico a ser publicado em edição posterior.



Foto SMOR E José Armada

# 10 DE JUNHO

## COMEMORAÇÕES



Fotos SAJ FZ Horta Pereira

As Cerimónias do Dia de Portugal, de Camões e das Comunidades Portuguesas começaram na manhã de 9 de junho, tendo o Presidente da República, Prof. Doutor Marcelo Rebelo de Sousa, assistido ao içar da Bandeira Nacional no Cais das Colunas e visitado a exposição sobre as atividades militares dos três ramos das FA patente na Ribeira das Naus e nas Instalações Centrais da Marinha. No dia seguinte, pelas 10h00, deu-se início à cerimónia militar com a prestação de honras ao Presidente da República, ao som do Hino Nacional e dos 21

tiros de salva executados pelo NRP *Sagres*, tendo seguidamente passado revista às forças em parada, Comandadas pelo CALM Sousa Pereira. Prosseguiu a cerimónia militar com a homenagem aos militares que pereceram ao serviço da Nação. Foram depois condecorados seis militares (três antigos combatentes da guerra Colonial e três militares do ativo). Seguiram-se os discursos do Presidente da Comissão de Organização das Comemorações, Prof. Doutor João Manuel Gaspar Caraça, e do Presidente da República e Comandante Su-

premo das Forças Armadas. O evento terminou com o desfile das forças.

No Terreiro do Paço, devidamente engalanado, assistiram muitos portugueses e turistas que ocupavam as barreiras que ladeavam a Praça.

Fundeados no Tejo, estavam os NRP's, *Sagres*, *Bérrio*, *Vasco da Gama* e *António Enes*, tendo sido sobrevoados pelas aeronaves Lynx MK95, da Marinha, e F16, Alfa Jet, C295, P-3 Orion, C130 e EH101, da Força Aérea.



# FORÇA NAVAL PORTUGUESA

## DEMONSTRAÇÃO DE CAPACIDADES



Fotos SAJ FZ Horta Pereira

Realizou-se a 27 de abril uma demonstração da Força Naval Portuguesa<sup>1</sup> (FNP), com o propósito de dar a conhecer algumas das valências e capacidades da esquadra. Esta força, comandada pelo CMG Carlos Oliveira Silva, foi composta pela fragata *Bartolomeu Dias* (navio-chefe), pelo reabastecedor de esquadra *Bérrio*, pelo navio de patrulha oceânico *Viana do Castelo* e por um helicóptero *Lynx MK95*, tendo ainda integrado um pelotão de abordagem do Corpo de Fuzileiros.

A demonstração foi executada ao largo do porto de Lisboa e contou, a bordo do navio-chefe, com a presença do Chefe do Estado-maior da Armada e Autoridade Marítima Nacional (CEMA/AMN), ALM Macieira Fragoso, e do Comandante Naval, VALM Pereira da Cunha. Para a demonstração foram convidados os deputados da Comissão de Negócios Estrangeiros e Comunidades Portuguesas da Assembleia da República, os auditores do Curso de Promoção a Oficial General, o Corpo de Adidos Militares Acreditados em Portugal, os alunos do Curso de Estado-Maior Conjunto e, ainda, os membros da Associação de Auditores dos Cursos de Defesa Nacional.

### A DEMONSTRAÇÃO NAVAL

O programa de demonstração de capacidades contemplou em primeiro lugar uma sessão de informação sobre a FNP, onde foi

desde logo abordado o seu enquadramento no sistema de forças nacional, a constituição e prontidão da força, assim como as tarefas que esta pode vir a ser chamada a desempenhar. De seguida visitou-se os centros de comando dos navios<sup>2</sup> a fim de evidenciar a organização para a ação implementada, a divisão de responsabilidades existente, a dinâmica e o fluxo de informação interno, e, por fim, como é efetuada a estreita articulação e coordenação entre os diversos centros e o Comando.

Fora do porto a força cruzou-se com a fragata *Vasco da Gama*, que regressava a Lisboa após dois meses de missão centrada na região do Golfo da Guiné, onde participou em exercícios internacionais com o objetivo de ajudar a capacitar e edificar as marinhas da região no combate à pirataria e a outros ilícitos no mar, num esforço coletivo de incremento da segurança e do conhecimento situacional marítimo. A significativa missão serviu também para dar continuidade às ações de cooperação técnico-militar desenvolvidas pelas Forças Armadas Portuguesas junto dos Países de Língua Oficial Portuguesa.

Em seguida, procedeu-se a uma ação de reabastecimento com o NRP *Bérrio*. Este tipo de ações permite aumentar a sustentabilidade das unidades navais nos teatros de operação sem ser necessário que estas tenham que se deslocar a um porto para



reabastecer de combustível, água, víveres, armamento ou outros bens necessários à boa prossecução da missão. Esta capacidade permite que as forças possam explorar e alcançar uma mobilidade sensivelmente acrescida, independente de apoio logístico de terceiros, de forma a posicionar-se estrategicamente onde e quando necessário.

Após o reabastecimento, iniciou-se um exercício de interdição marítima, passando então o NRP *Bérrio* a simular um navio mercante que tentava quebrar uma zona de embargo marítimo, simulando ser um navio suspeito de transportar carga ilícita. Com esta ação pretendeu-se dar a conhecer melhor as capacidades que as forças navais têm neste tipo de operações, podendo ser usadas para intercepar, abordar e, caso necessário, arrestar cargas ou embarcações, sempre no cumprimento de resoluções internacionais ou como garante da lei e da autoridade do estado no mar. Nesta abordagem em concreto, foi utilizado o helicóptero para projeção de uma equipa de fuzileiros para o navio suspeito, tendo a inserção sido efetuada através do método *fast rope*.

Da demonstração naval constou ainda um exercício de manobras e evoluções, que culminou com os navios a prestarem honras militares ao ALM CEMA/AMN. Concluídos os eventos previstos os navios demandaram de novo o porto, a fim de desembarcar os convidados.

## NOTA FINAL

No final, foi evidente a satisfação e o agrado entre os diversos convidados, que com esta demonstração da FNP puderam assim conhecer melhor as capacidades e os elevados padrões de prontidão e de segurança da Marinha, para a condução de operações navais diversificadas e exigentes, sempre ao serviço do País e dos Portugueses.

Colaboração do **COMANDO DO NRP BÉRRIO** 

### Notas

<sup>1</sup> FNP (Força Naval Portuguesa) - É uma força operacional com elevada prontidão, à qual são atribuídas Unidades Navais, Fuzileiros e Mergulhadores para a execução de operações expedicionárias marítimas ou para integração em forças operacionais conjuntas, constituindo-se como a componente naval da Força de Reação Imediata (FRI). Tem como missão garantir ações prontas de resposta militar para a defesa do território nacional e proteção dos interesses nacionais onde tal for necessário.

<sup>2</sup> Entende-se como centros de comando do navio os locais onde é efetuado o comando e controlo das diferentes ações respeitantes à batalha interna e batalha externa, sendo estes nomeadamente: a ponte, o centro de operações e a central da plataforma.



## INSTITUTO HIDROGRÁFICO

# CAÇA-MINAS *ROBERTO IVENS*

O Instituto Hidrográfico (IH) efetuou, no passado mês de fevereiro, uma missão a sul da barra de Lisboa para investigar a posição onde repousa um destroço da primeira Guerra Mundial, o ex-NRP *Roberto Ivens*. Este trabalho foi efetuado em parceria com a Comissão Cultural de Marinha e com os institutos de História Contemporânea e de Arqueologia e Paleociências, ambos da Universidade Nova de Lisboa.

O caça-minas *Roberto Ivens*, à semelhança do patrulha de alto mar *Augusto de Castilho*, foi afundado durante a primeira Guerra Mundial. Durante operações de rocega e desminagem, embateu numa mina, a 26 de julho de 1917, tendo desaparecido nas águas atlânticas numa posição, de acordo com o que se encontra docu-

mentado, “a cerca de 12 milhas a Sul de Cascais”, o que corresponde a profundidades superiores a 100 m.

Recorde-se que, no passado dia 9 de março, foi comemorado o centenário da entrada de Portugal na primeira Grande Guerra.

### O LEVANTAMENTO ACÚSTICO E GEOFÍSICO

O IH, através da utilização de sistemas de sonar de pesquisa lateral e de magnetometria, em paralelo com a operação de um veículo operado remotamente (ROV), possui a capacidade de detetar e identificar objetos assentes sobre o fundo marinho, até 200 m de profundidade. Estas técnicas permitem reunir informação acústica, magnética e ótica do fundo marinho, que é utilizada no apoio a atividades militares, a prospeção arqueológica, etc. No mês de fevereiro transato, estes meios foram colocados ao serviço da comunidade científica, na busca do caça-minas *Roberto Ivens*, a bordo do NRP *Andrómeda*.

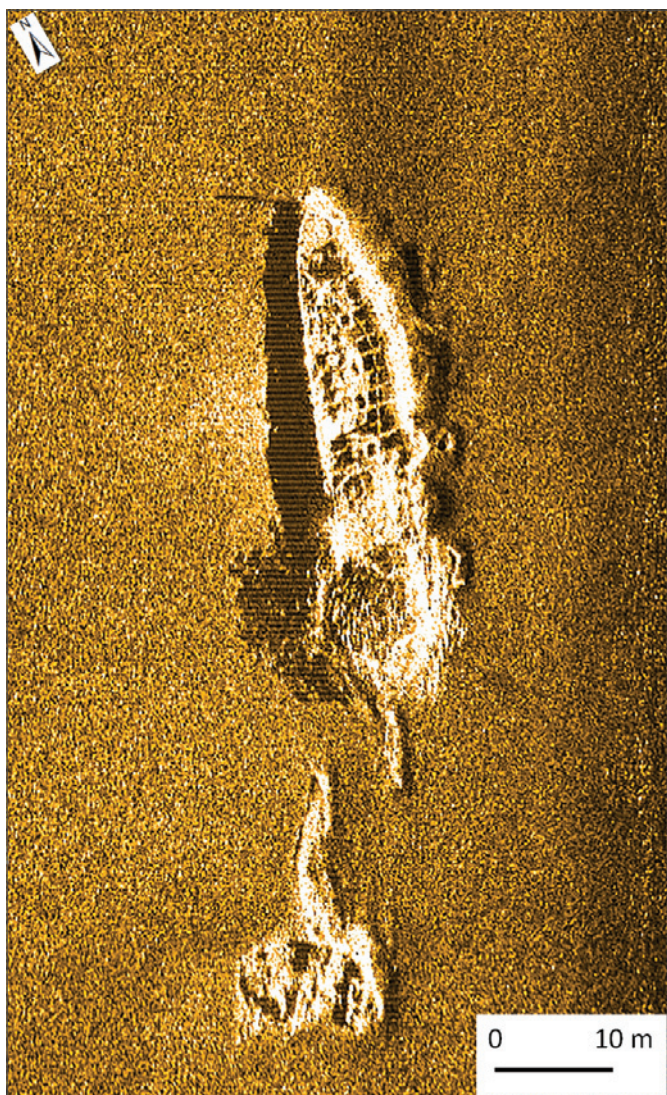


Fig. 1 - Imagem do destroço, adquirida com o sonar.

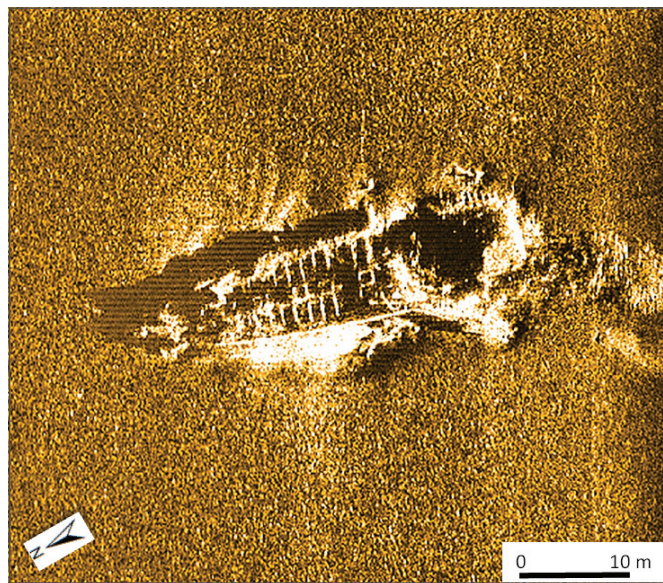


Fig. 2 - Imagem do destroço, adquirida com o sonar.

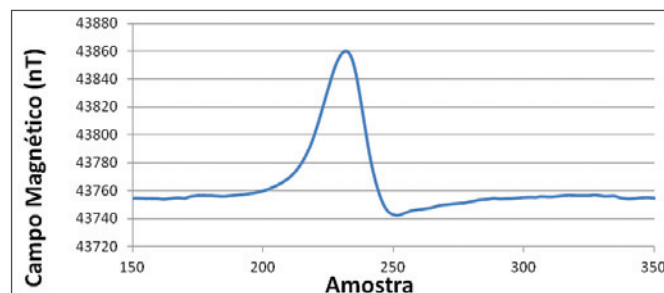


Fig. 3 - Gráfico com o registo magnético do destroço.

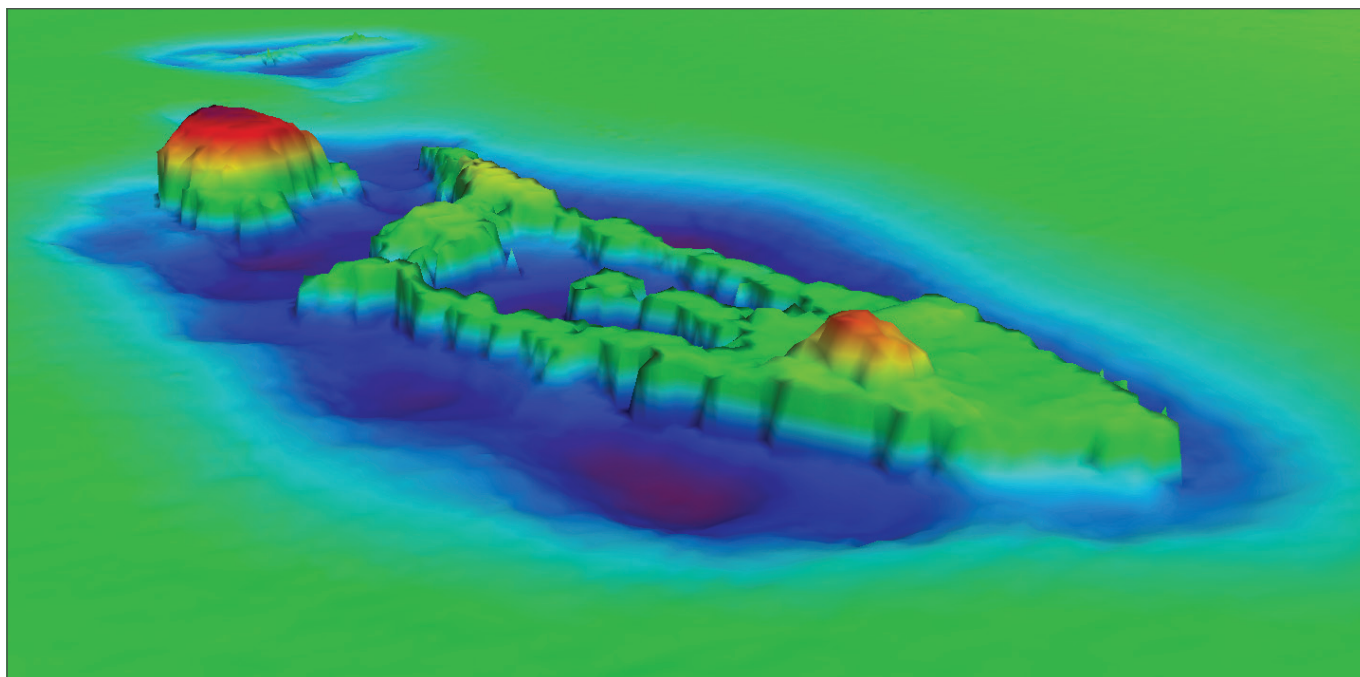


Fig. 4 - Modelo batimétrico em 3D do caça-minas Roberto Ivens.

A utilização conjunta dos diferentes métodos de detecção de objetos revela ser a abordagem adequada, sobretudo quando a incerteza na localização dos destroços ou a área de busca são demasiado grandes. No caso presente, não obstante a indicação cartográfica de vários destroços com elevada potencialidade para serem o objeto a detetar, apenas com a utilização conjunta dos diversos sistemas e a possibilidade de posicionamento dos sensores junto ao fundo, permitiram detetar e posicionar corretamente o ex-NRP *Roberto Ivens*. A qualidade dos registos obtidos pode ser verificada nas imagens dos destroços visíveis nas figuras 1 a 3.

## O LEVANTAMENTO BATIMÉTRICO

Terminado o levantamento acústico e geofísico, foi realizado o levantamento batimétrico com um sondador multifeixe (SMF), instalado na lancha hidrográfica *Atlanta*.

As imagens produzidas com os dados adquiridos pelo SMF possuem uma resolução mais baixa, que a imagem do sonar de pesquisa lateral, em virtude de estar instalado no casco da embarcação, neste caso particular a uma altura de aproximadamente 30 m do fundo, sendo que o transdutor do sonar de pesquisa lateral é rebocado a uma altura de cerca de 10 m. No entanto, os dados obtidos com este sondador permitem gerar um modelo batimétrico, onde todas as profundidades obtidas são georreferenciadas, enquanto no sonar lateral apenas se obtém uma imagem acústica do fundo, conforme figuras 4 e 5.

Para além dos dados de batimetria, os SMF permitem aquisição da informação de refletividade, utilizada para caracterização do fundo marinho, nomeadamente para identificação dos diferentes tipos de sedimentos superficiais. A capacidade atual de armazenamento de dados permite ainda recolher dados acústicos de toda a coluna de água, tornando possível recriar em imagens 3D, quer a morfologia do fundo do mar, quer a dos objetos que se situam no espaço entre o sistema sondador e o fundo, informação essencial para a identificação de estruturas não naturais de formato complexo ou de dimensões menores.

## O BALANÇO DA MISSÃO

A missão decorreu com normalidade e sem incidentes, tendo o objetivo sido cumprido com sucesso. O levantamento obtido a partir de sonar de pesquisa lateral permitiu localizar e posicionar os destroços do navio. As imagens acústicas de elevada resolução (sonar de pesquisa lateral e multifeixe) identificaram a natureza do destroço, tendo o magnetómetro registado uma anomalia. Como efeito da persistência de condições meteorológicas adversas nas semanas que antecederam os trabalhos, bem como da nebulosidade do dia em que se realizou o mergulho do ROV, não foi possível a aquisição de boas imagens vídeo, tendo sido adquirida apenas informação com a câmara acústica. Os destroços do caça-minas *Roberto Ivens* foram, assim, localizados a cerca de 5 milhas náuticas a sul do forte de S. Julião da Barra, em profundidades na ordem dos 30 m.

As valências existentes no IH, empenhadas nesta missão, são aquelas que, normalmente, são utilizadas nas operações de deteção e inspeção de objetos no fundo, intervenções onde é exigida a melhor resolução. Os levantamentos realizados com os diversos sistemas mostraram ser os indicados para a deteção, localização e identificação de objetos com interesse histórico e/ou arqueológico.

Colaboração do **INSTITUTO HIDROGRÁFICO**

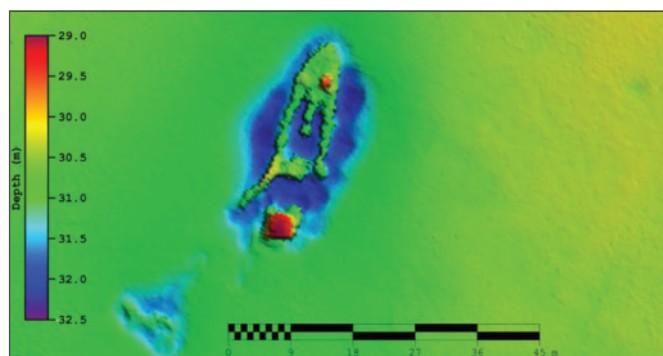


Fig. 5 - Modelo batimétrico, com 0,25 m de resolução, do levantamento hidrográfico.

# CITAN

No dia 19 de fevereiro de 2016, no Centro Integrado de Treino e Avaliação Naval (CITAN), realizou-se o último exercício de tática naval no simulador de treino de ação tática da Marinha. O exercício em ambiente de multiameaça foi conduzido pelos oficiais do Curso de Aperfeiçoamento em Tática e Operações Navais II (ATO14) e contou com as presenças do 2º Comandante Naval e do Diretor de Navios.

A Marinha irá contar com um novo e moderno simulador de treino de ação tática (também localizado no CITAN), desenvolvido pela *Rheimetal Defence Electronics GmbH*, estando previsto para janeiro de 2017 o início da sua operação.



## O ANTIGO SIMULADOR ASTT

Em 23 de fevereiro de 1987, a Marinha Portuguesa começou a operar o simulador de treino de ação tática “*Action Speed Tactical Trainer*” (ASTT), que visava apoiar as ações de formação, treino e avaliação dos militares com funções nos Centros de Operações (CO), contribuindo para a manutenção dos padrões de prontidão operacional da esquadra na área das operações navais.

O simulador era constituído por uma unidade de comando e 12 cubículos, cada um simulando uma plataforma, permitindo aos utilizadores a compilação dos panoramas de superfície, aéreo e submarino, bem como o comando das armas, sensores e comunicações da respetiva unidade.

Os exercícios eram acompanhados por pessoal do CITAN a partir da sala de controlo, onde tinham a capacidade para intervir ativamente no exercício, podendo inclusivamente entrar no panorama compilado por qualquer dos cubículos.

Após o exercício, e a fim de permitir a discussão e crítica do mesmo, era realizado um *debriefing* no auditório utilizando as facilidades do sistema na sua capacidade de reprodução total ou parcial em tempo real, ou com velocidade de 4, 8 ou 16 vezes superiores ao tempo real.

Para a época (década de 80, início da de 90) era um equipamento sofisticado e que se encontrava ao nível dos melhores simuladores em serviço nas marinhas dos países da NATO, tendo representado um salto significativo no treino e na proficiência de desempenho das nossas unidades navais.

Ao longo da sua existência, de quase 30 anos, o simulador foi utilizado para o treino e formação das guarnições de submarinos, das fragatas das classes *João Belo*, *Vasco da Gama* e *Bartolomeu Dias*, bem como das tripulações de LYNX MK95 e P3-P (FAP), alunos da Escola Naval e formandos, com especial relevo para o curso de Especialização de Oficiais na vertente das operações.

Fruto da rápida evolução dos sistemas informáticos registada a partir do final da década de 90 assistiu-se à obsolescência dos seus componentes, tendo sido possível manter o seu funcionamento graças ao esforço, dedicação e empenho do pessoal técnico responsável pela manutenção e operação.

A sua substituição era inevitável, tendo-se iniciado o processo em 2008, que veio a culminar com a adjudicação à *Rheinmetall* em 11 de junho de 2015 e com a definição do programa para a sua edificação.

## O NOVO SIMULADOR ASTT

O novo ASTT será constituído por uma sala de controlo e por 12 cubículos, em que 2 estarão configurados para navio-chefe (CTG) e os restantes 10 permitirão configurar qualquer plataforma (incluindo, em dois deles, a capacidade para simular um submarino com periscópio). Cada cubículo estará equipado com *hardware* de última geração, em ambiente Windows, com monitores e periféricos encastrados em consolas horizontais e verticais.

Para além das capacidades de simulação anteriormente existentes, no que respeita ao treino das *warfares* convencionais (ASW, AAW e ASUW) e da guerra assimétrica e anfíbia, permitirá o acesso a sistemas e equipamentos existentes nos navios e submarinos, como o ECDIS, *Command Team Trainer* (CTT) do STACOS das fragatas classe *Vasco da Gama*, periscópio e com a possibilidade de interligação ao Simulador de Navegação (SIMNAV), que possibilitará num futuro próximo o treino em simultâneo das equipas do CO e da ponte.

O sistema terá capacidade de simular inúmeras plataformas, incluindo plataformas de superfície, subsuperfície, aéreas e até lançadores de mísseis a partir de terra, com múltiplas variáveis em termos de armas e sensores.

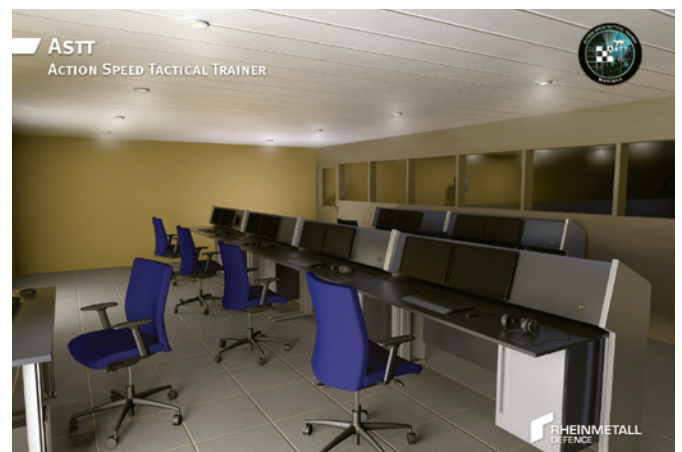
O simulador terá de base 140 plataformas genéricas, designadamente, 100 navios, 10 submarinos, 20 aeronaves de asa fixa e 10 aeronaves de asa rotativa.

Com este novo simulador será ainda possível efetuar a avaliação do exercício durante a sua execução e após a sua conclusão, ao nível da consola, de cada unidade/plataforma bem como das forças participantes.



A Marinha Portuguesa irá dispor de um dos mais modernos simuladores de tática naval para apoiar o treino e a formação dos seus militares, assente numa multiplicidade de configurações possíveis e na capacidade de treino em simultâneo – proporcionada pela interligação do ASTT ao SIMNAV –, permitindo um treino abrangente e realista das equipas de bordo nos mais diversos cenários operacionais.

Colaboração do **CITAN**



# AUMENTO AO EFETIVO NRP TEJO



Fotos: ISAR A Ferreira Dias

## CERIMÓNIA DA PASSAGEM AO ESTADO DE ARMAMENTO DO NRP TEJO

A cerimónia de passagem ao estado de armamento normal do NRP *Tejo*, teve lugar no dia 05 de maio de 2016, com o navio atracado no Cais de Honra da BNL e foi presidida pelo Ministro da Defesa Nacional, acompanhado pelo ALM CEMA/AMN. Presentes ainda o VCEMA, bem como a Administração da Arsenal do Alfeite, S.A., para além de oficiais gerais e superiores.

A guarnição, formada junto ao navio e em frente à tribuna, aguardava com expectativa o momento da entrada a bordo.

No uso da palavra, o ALM CEMA/AMN salientou a presença do Ministro da Defesa Nacional neste evento de grande importância para a Marinha, significando desta forma o apoio do Governo ao programa de renovação da capacidade de fiscalização costeira, sendo esta a melhor solução para, no curto prazo, suprir as lacunas nesta área.

De seguida, o Ministro da Defesa Nacional afirmou ser este *um momento simbólico muito feliz para o reforço da capacidade da Marinha, e um contributo importante para o exercício da soberania de Portugal na prossecução da sua forte vocação marítima.*

Procedeu-se à leitura da Portaria de aumento ao efetivo dos navios da Armada do NRP *Tejo* e do Despacho de nomeação do Comandante do Navio, 1TEN Rui Pedro Robalo Franco.

Após a entrega da Bandeira Nacional ao Comandante, por parte do MDN e do ALM CEMA/AMN, a guarnição deu entrada a bordo ao som da “Marcha dos Marinheiros”.

Seguiu-se o içar da Bandeira Nacional pela primeira vez, com a guarnição formada na tolda, ao som do Hino Nacional, executado pela Banda da Armada.

Terminada a cerimónia, o MDN foi recebido a bordo onde efetuou uma visita onde foi possível verificar um navio em fase final de aprontamento, com a ponte apetrechada, uma cozinha funcional, alojamentos acolhedores e o castelo já na sua versão final.

No final, na Câmara de Oficiais, assinou o Livro de Honra do navio, referindo *o engenho e forma inteligente como, numa situação difícil de todos conhecida, a Marinha Portuguesa conseguiu com “pouco”, fazer muito no caminho de uma modernização e da reposição gradual das suas capacidades.*

Colaboração do **COMANDO DO NRP TEJO**



# NAVIO DE PATRULHA COSTEIRO CLASSE TEJO



Foto: SWOR L. Almeida Carvalho

No seu número de dezembro de 2014 a Revista da Armada levantou a “ponta do véu” relativamente aos quatro navios patrulha dinamarqueses Classe *Flyvefisken* (Peixe-voador) – tipo Standard Flex 300 ou SF300, na sua forma abreviada. Esta pequena esquadra de quatro navios com casco em fibra foi adquirida pelo Estado Português em 23 de outubro de 2014, sendo posteriormente batizada como Classe *TEJO*. Será composta pelos NRP *Tejo* (P590), NRP *Douro* (P591), NRP *Mondego* (P592) e NRP *Guadiana* (P593). Além destes quatro navios, o Estado Português optou por adquirir em 13 de março de 2015 um quinto navio, o ex-HDMS *Gribben*, como plataforma logística para apoio aos restantes, abreviando-se desta forma o tempo gasto na obtenção de componentes.

Os 14 navios que inicialmente compunham a classe *Flyvefisken* foram construídos pelo estaleiro dinamarquês DANYARD A/S entre 1985 e 1996, estaleiro que entretanto encerrou a sua atividade. Dos 14 navios iniciais, divididos por três séries, consoante o tipo de missão principal a que se destinavam e o tipo de propulsão, um já foi abatido e desmantelado em 2006; três foram vendidos à Lituânia em 2007; cinco foram vendidos a Portugal em 2014/15, e o único navio da terceira série, o HDMS *Soloven*, opera agora como navio de apoio a mergulhadores na Marinha da Dinamarca. Os restantes quatro navios poderão eventualmente ter como destino a Lituânia (1) e o Egito (3).

No decurso das visitas prévias efetuadas aos navios tipo STAN-FLEX 300 na Base Naval de Korsør – Dinamarca, foi notória a excelente qualidade de construção das plataformas onde abunda o aço inoxidável, o seu bom estado interior, contrastando, aqui e ali, com a desarrumação causada pela desmontagem de inúmeros equipamentos e sensores requeridos pela Marinha Dinamarquesa, os excelentes padrões de habitabilidade, e a generalidade dos equipamentos a dar mostras de estarem apenas à espera “que se desse à chave” para arrancarem. Foi com base nessa avaliação prévia que se desenhou a estratégia a adotar para esta classe de navios com vista à sua futura integração na esquadra:

- Contratação da NSPA (*NATO Support and Procurement Agency*) para operacionalizar o reboque dos cinco navios da Base Naval de Korsør até Lisboa;
- Definição, pelo Estado-Maior da Armada, do Conceito de Emprego Operacional e dos Requisitos Operacionais;

- Avaliação prévia de condição, visando reduzir ao mínimo as intervenções corretivas a efetuar;
- Aquisição dos equipamentos e aprestamento necessários à futura operação da Classe *Tejo*;
- Aquisição de serviços especializados à Indústria Privada (IP) portuguesa e dinamarquesa para intervenção em diversos sistemas e equipamentos;
- Aquisição de serviços ao DDALO<sup>1</sup> para ministrar formação especializada na operação desta classe de navios a apoiar a avaliação de condição;
- Contratação ao AA do estudo do projeto para a reconfiguração da Classe *Tejo*; da execução da manutenção e reconfiguração dos navios definida pela Direção de Navios, e da aquisição dos materiais e sobressalentes necessários.

A operação de reboque foi levada a cabo pelo rebocador N/M “Montenovo” da Rebonave – Setúbal, em 3 viagens consecutivas. Esta operação foi antecedida da preparação dos navios para o reboque com recurso a equipas da Marinha Portuguesa e da Rebonave, que estiveram todo o material a bordo, verificaram as válvulas de fundo, colocaram em cada navio os indispensáveis olhais de reboque, e embarcaram um gerador de emergência, baterias, sensores de alagamento, e luzes de navegação e de alarme apropriadas a navio rebocado.

- De 30 de abril a 12 de maio de 2015 – reboque do NRP *Tejo* via canal de Kiel;
- De 3 a 18 de julho de 2015 – reboque simultâneo dos NRP *Douro* e *Mondego* contornando o norte da Dinamarca;
- De 7 a 20 de agosto de 2015 – reboque simultâneo dos NRP *Guadiana* e ex-HDMS *Gribben* contornando o norte da Dinamarca.

Após a sua chegada a Portugal o NRP *Tejo* teve ainda honras de visita a bordo por parte do Ministro da Defesa Nacional, Dr. Pedro Aguiar-Branco, que no Dia da Marinha, e acompanhado pelo Almirante Chefe do Estado-Maior da Armada e de outras individualidades convidadas para o evento, visitou demoradamente o navio, inteirando-se da sua configuração atual e ouvindo explicações sobre a sua futura configuração já ao serviço da Marinha Portuguesa.

E foi no dia 23 de julho de 2015 que, pela primeira vez, passámos sob a quilha do NRP *Tejo*, acabado de alar na Doca Flutuante



O NRP Mondego no decurso da alagem na doca flutuante da AA, S.A., em 22DEZ15



O NRP Tejo durante a fase de limpeza das obras vivas, em 24SET15

gás é efetuada através da conduta de evacuação pela tradicional chaminé dos navios.

Presentemente, com o NRP *Tejo* atracado no Arsenal do Alfeite e o NRP *Mondego* na Doca Flutuante, vamos, de forma resumida, debruçar-nos sobre a sua adaptação às missões que incumbem a um Navio de Patrulha Costeiro (NPC) e, simultaneamente, aos trabalhos de manutenção necessários para trazer à vida quatro plataformas navais paradas há mais de 5 anos.

Para cumprir com os requisitos definidos pelo Estado-Maior da Armada e simultaneamente dotar o navio com os equipamentos e sistemas necessários à sua operação com segurança e ao cumprimento das missões para que está destinado, está previsto manufaturar, adquirir e instalar, entre outros, o seguinte:

“Eng. Perestrello de Vasconcelos”<sup>2</sup> da Arsenal do Alfeite, Sociedade Anónima. Começava assim a adaptação da ex-classe *Flyvefisker* à nova Classe *Tejo*, cujas missões serão maioritariamente cumpridas na Região Autónoma da Madeira e Zonas Marítimas do Norte, Centro e Sul.

Com o navio em seco, uma das zonas das obras vivas que maior curiosidade suscitou foi a zona de ré, onde se encontram os 3 hélices, 3 lemes e 2 *flaps*. Os hélices de BB e EB são de passo variável e estão acoplados, via caixas redutoras, a 2 motores MTU 16V396. O hélice central, de maior diâmetro e de passo fixo, está acoplado, via caixa redutora, a uma Turbina a Gás *General Electric* LM500, com cerca de 6000 HP de potência. Os lemes de BB e EB funcionam ainda como estabilizadores de balanço, a exemplo da Classe *Bartolomeu Dias*. Os *flaps* têm como missão alterar o ângulo longitudinal de inclinação do navio (*trim*), possibilitando tirar partido da velocidade em prol da redução do consumo de combustível.

Ao nível das obras vivas foi ainda possível ver as descargas dos motores diesel propulsores e dos grupos eletrogéneos situadas abaixo da linha de água; o sonar alojado na quilha a retirar durante a docagem e o impulsor de proa. A descarga da turbina a

## Área da plataforma

- Um turco e duas embarcações tipo FRB (*Fast Rescue Boat*);
- Colocação de uma balaustrada no Castelo AV para maior segurança do pessoal;
- Enfermaria com capacidade para dois acamados;
- Reconfiguração da Casa do Leme (Ponte) e Centro de Operações;
- Reconversão do Sistema de Ar Condicionado;
- Atualização do HW e SW do SGP LYNGSO (Sistema de Gestão da Plataforma);

## Ajudas à navegação

- Dois radares de navegação banda INDIA, sonda, odómetro eletromagnético, girobússola de fibra ótica, agulha de fluxo (substitui a agulha magnética), DGPS, ECDIS, estação METEO;

## Comunicações e sistemas de informação

- Sistema Integrado de Comunicações (SICC) da EID (Empresa de Investigação e Desenvolvimento);
- GMDSS (Global Maritime Distress and Safety System);
- Infraestrutura para duas redes, sendo uma de fibra ótica e outra de cobre, computadores, servidores e impressoras;

— Comunicações por satélite : INMARSAT mini-C, Mini V-SAT e TVSAT;

— Eletro-ótico;

Está ainda em curso a aquisição de todo o aprestamento necessário à operação do navio.

A guarnição está praticamente definida e já iniciou a formação específica na operação desta classe de navios com a colaboração de técnicos dinamarqueses na BNL, tendo-se deslocado à Dinamarca na 2ª semana de março para embarque no HDMS *Soloven*, navio da mesma classe, durante uma semana.

A docagem e a generalidade dos trabalhos de manutenção e de instalação de novos equipamentos foi adjudicada à Arsenal do Alfeite, S.A., que tem também a seu cargo a realização dos estudos para a instalação dos novos equipamentos.

O planeamento proposto pelo Arsenal do Alfeite prevê que o navio fique operacional a tempo de participar no Dia da Marinha deste ano, já com provas a cais (HAT) e de mar (SAT).



Com a colaboração do **GP-STANFLEX300**

#### Notas

<sup>1</sup> DDALO – Danish Defence Acquisition and Logistics Organization.

<sup>2</sup> O Eng<sup>o</sup> Perestrello de Vasconcelos foi o 1º administrador do Arsenal do Alfeite após a sua criação na atual localização (Alfeite) e exerceu as suas funções de 01 de outubro de 1938 a 01 de janeiro de 1961, tendo falecido em 1962. É avô do atual Secretário de Estado da Defesa Nacional, Dr. Marcos Perestrello.

### CARACTERÍSTICAS PRINCIPAIS

• Comprimento total	54.00	m	• Guarnição	23
• Comp. entre perpendic.	50.00	m	• Oficiais	3
• Boca Máxima	9.00	m	• Sargentos	4
• Calado máximo	3.50	m	• Praças	16
• Pontal	4,40	m	• Margens Alojamento	6
• Deslocamento Leve	345.8	ton	• Autonomia Víveres	7 dias
• Estrutura	PRF		• 2 Fast Rescue Boat NOREQ	6,5 m
			• Estabilidade ITDINAV 802(A)	

### INSTALAÇÃO PROPULSORA

• 2 Mot. Diesel MTU 16V396	2 x 2.600 HP
• 2 hélices, CPP, 3 pás	
• 1 Turbina a Gás GE LM500	6000 HP
• 1 hélice, Passo Fixo, 3 pás	
• Velocidade Máxima Mantida	> 20 nós
• Autonomia a 14 nós	> 2.400 mi

### SISTEMAS AUXILIARES

• 3 GE's General Motors 12V-71	3 x 200 kW
• Rede Primária	440 V/60 Hz
• Redes Secundárias 115V/60Hz	220 V/60 Hz
• Impulsor de Proa	
• Lemes Estabilizadores Ativos	
• Grua HERKULES RM30-209*	WLL 5,0 ton
• Turco HARDING NPDS 3500H**	SWL 3,2 ton

### COMANDO E CONTROLO

- Sist. Gestão Plataforma – Lyngso Marine (DK)
- Sist. Integrado Comunicações – EID (PT)
- Sist. Integrado Navegação – Direção de Navios

\*WLL: Working Load Limit

### ARMAS E SENSORES

- Capacidade de tiro de superfície até 30 mm
- 2 Radares da Banda I – Kelvin Hughes
- INMARSAT mini-C
- Mini-VSAT KVH v7 ip
- Odómetro eletromagnético
- Eletro-ótico

\*\*SWL: Safe Working Load

## TOMADAS DE POSSE

### VICE-CHEFE DO ESTADO-MAIOR DA ARMADA

A 30 de maio e presidida pelo ALM CEMA/AMN, realizou-se na Casa de Balança a cerimónia de tomada de posse do cargo de Vice-Chefe do Estado-Maior da Armada. O VALM Bonifácio Lopes, por ter passado à situação de Reserva, entregou o quarto ao VALM Pereira da Cunha.

Após a leitura da Ordem, o novo Vice-CEMA usou da palavra para referir que *o Estado-Maior da Armada é um órgão de estudo, conceção e planeamento para apoio à decisão do ALM CEMA, mas não se confunde com os sectores... que deverá ser capaz de uma articulação coerente com os sectores, na medida em que estes se constituem, ..., como garantia de apoio especializado. Mas deve ser, também, um órgão determinado, pragmático e independente, disponibilizando uma*



Foto SAU FZ Horta Pereira

*mais-valia com o seu produto final.*

Por sua vez o ALM CEMA/AMN levou a importância do Estado-Maior da Armada enquanto órgão de apoio à sua decisão, agradeceu ao empossado a disponibilidade para o desempenho do cargo em acumulação com o actual, manifestou a sua confiança nas suas capacidades e desejou-lhe as maiores felicidades para mais este desafio na sua carreira.

O VALM José Domingos Pereira da Cunha é natural de Ermesinde e entrou para a Escola Naval, em 1973. Como oficial subalterno, desempenhou funções em várias unidades navais e comandou o NRP *Cisne* e o NRP *Cuanza*. Como oficial superior foi Oficial Imediato do NRP *João Roby* e pertenceu ao Grupo de Trabalho de Recepção das Fragatas "Vasco da Gama". Fez parte da primeira guarnição do NRP *Álvares Cabral*, e foi oficial Imediato do NRP *Corte Real*. Em 1996 prestou serviço na área do Pessoal e, mais tarde, na Flotilha, exerceu o cargo de chefe do Departamento de Treino e Avaliação.

Assumiu o comando do NRP *Vasco da Gama* em novembro de 2000, tendo participado em vários exercícios nacionais e internacionais e efectuado duas integrações na STANAVFORLANT.

Entre 2003 e 2008, prestou serviço no Estado-Maior da Armada e foi comandante da Esquadilha de Escoltas Oceânicos, e do Grupo de Tarefa Naval. Em janeiro 2008 com o posto de Contra-almirante, exerceu as funções de comandante da Flotilha e, segundo Comandante Naval. Seguiu-se o comando da SNMG1, tendo liderado a operação *Active Endeavour*, e as operações *Allied Protector* e *Ocean Shield*, no Golf de Aden e no Oceano Índico. Em 2010, foi Chefe de Estado-Maior do Comando Operacional Conjunto e a partir de dezembro de 2010, Chefe do Estado-Maior Conjunto do EMGFA. Em janeiro de 2014 foi Superintendente dos Serviços do Material, e, em julho do mesmo ano, Comandante Naval, cargo que mantém com o agora assumido.

### INSPETOR-GERAL DA MARINHA

Presidida pelo Almirante CEMA/AMN realizou-se a 30 de maio, no salão nobre do Gabinete do CEMA, a tomada de posse do cargo de Inspetor-Geral da Marinha. O VALM Bonifácio Lopes cessou funções, sendo substituído pelo CALM Mina Henriques. Nas breves palavras que proferiu, o novo Inspetor-Geral referiu-se



Foto SAU FZ Horta Pereira

às principais linhas orientadoras para o mandato, salientando a boa estruturação da função inspectiva na Marinha, bem descentralizada e planeada. Deu especial ênfase à necessidade de impulsionar a materialização do sistema de Prevenção de Gestão de Segurança e Saúde no Trabalho e Ambiente.

No uso da palavra, o ALM CEMA/AMN referiu a importância que atribui à função inspectiva da Marinha não só no apoio ao Comandante da Marinha no exercício do controlo e avaliação, mas também no apoio e colaboração às entidades inspeccionadas, visando a contínua melhoria do desempenho da Marinha.

O CALM RES Carlos Manuel Mina Henriques tem 62 anos de idade e 44 anos de serviço e passou à Reserva em 21 de novembro de 2012.

Concluiu a licenciatura em Ciências Militares Navais da Escola Naval em 1977.

Especializou-se em Armas Submarinas e possui, entre outros, os Cursos Geral Naval de Guerra, Complementar Naval de Guerra e o Curso de Promoção a Oficial General.

Esteve embarcado em várias Unidades Navais, onde desempenhou funções de Chefe de Serviço, Imediato e Comandante. Em terra desempenhou funções no Centro de Instrução de Minas e Contra-medidas, no Estado-Maior da Armada, foi Assessor Militar para a Marinha do MDN e, nesta qualidade, membro do Comissariado da EXPO'98, "Staff Officer Maritime Operations" no SACLANT – EUA, Chefe do Estado-Maior do Comando Naval, Chefe do Estado-Maior do Centro de Operações Conjunto do EMGFA e Comandante da Flotilha e 2º Comandante Naval. Na situação de Reserva foi vogal do Conselho Superior de Disciplina da Armada e individualidade de reconhecido mérito na Comissão do Domínio Público Marítimo.

É, desde 21 de novembro de 2013 Diretor da Revista da Armada e, desde 30 de maio de 2016, Inspetor-Geral da Marinha.

## ENTREGA DE COMANDO COMANDANTE DA ESCOLA NAVAL

Presidida pelo ALM CEMA/AMN, decorreu no dia 29 de abril a cerimónia de entrega de comando da Escola Naval do VALM Bastos Ribeiro para o COM Henrique Gomes.

A cerimónia contou com a presença de diversas entidades civis, académicas e militares.

O Comandante cessante referiu que a (...) *"Escola Naval afirmou-se como instituição universitária, reforçou a sua abertura ao exterior, alargou e aprofundou as relações de cooperação com entidades externas, para a realização de investigação e desenvolvimento, e produção e valorização do conhecimento..."*.

Seguiu-se a cerimónia de passagem do testemunho, com a transferência do Estandarte da Escola para o novo comandante. Na sua alocução o COM Henrique Gomes referiu que procuraria *"(...) no quadro do normativo vigente, e das diretivas superiores, prosseguir o trabalho dos seus antecessores, promovendo a quali-*



Foto SAJ FZ Horta Pereira

*dade do ensino ministrado e antecipando os desafios..."*.

No final, o ALM CEMA/AMN destacou o reforço da *qualidade do ensino, o aumento do reconhecimento externo e o desenvolvimento de projetos de cariz científico e tecnológico (...)* essenciais para *creditar e prestigiar a Escola Naval junto das suas congéneres nacionais e internacionais e da comunidade académica em geral.*

A cerimónia terminou com o desfile do Batalhão do Corpo de Alunos e um Porto de Honra no átrio do Auditório Grande.

O Comodoro António Manuel Henriques Gomes nasceu em 15 de outubro de 1962, em Almada, e licenciou-se em Ciências Militares Navais na Escola Naval, em 1985.

Especializado em eletrotecnia em 1988, prestou serviço em várias unidades navais, desempenhando funções de chefe de serviço, chefe de departamento e imediato, terminando a sua atividade no mar como comandante do NRP *Afonso Cerqueira*.

Em terra exerceu funções de formador e sub-diretor na Escola de Artilharia Naval e de coordenador da direção técnica dos sistemas de armas e mísseis na Direção de Navios, situação em que assegurou a ligação nacional com o consórcio NATO *Seasparrow Missile System*. Exerceu ainda funções na divisão de Pessoal e Organização do EMA, como chefe de secção e, posteriormente, como chefe de Divisão, de Adido de Defesa junto da embaixada de Portugal em Madrid e Comandante da Escola de Tecnologias Navais.

Desde agosto de 2015 foi Diretor de Formação.

Ao longo da sua carreira naval, com mais de quinze mil horas de navegação, o COM Henrique Gomes frequentou, para além dos cursos de carreira, diversos cursos técnicos nacionais e internacionais nas áreas dos sistemas de armas, tecnologias da formação e gestão.



## Revista da Armada

### PRÉMIOS 2015

Presidida pelo Almirante CEMA/AMN, teve lugar, no dia 13 de maio, a cerimónia de entrega dos prémios da Revista da Armada (RA) referente ao ano de 2015.

No salão Nobre do GABCEMA, estiveram presentes, entre outros, o VCEMA, o Diretor da Comissão Cultural de Marinha, o Comandante da Escola Naval, o Diretor da Revista da Armada, o Chefe e demais membros do Gabinete CEMA, bem como os elementos da guarnição da RA. O Almirante CEMA/AMN entregou o prémio "Comandante Joaquim Costa", destinado ao melhor trabalho publicado na RA no ano de 2015, ao CFR FZ Luís Jorge Rodrigues Semedo de Matos, pelos artigos "A Cidade de Lisboa", "Dia da Marinha – Lisboa 2015" e "Os Concertos", publicados no número 497. Seguidamente, fez entrega do prémio "Almirante Pereira Crespo", destinado à melhor colaboração com a RA no ano de 2015, ao CMG Carlos Alberto da Encarnação Gomes, pelos artigos publicados na rubrica "Vigia da História", nos números 492 a 496 e 498 a 502.

Seguidamente, o Almirante CEMA/AMN, após ter enaltecido a importância da RA na difusão das atividades da Marinha, felicitou ou laureados, reconhecendo o valor dos trabalhos premiados, que em muito contribuem para o prestígio da Marinha.



Foto ISAR A Ferreira Dias



## ACADEMIA DE MARINHA

# SESSÃO CULTURAL CONJUNTA AM-ICEA

Em 31 de maio teve lugar, no Auditório da Academia de Marinha, a XII sessão cultural conjunta com o Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, subordinada ao tema “Comemorações da Chegada dos Portugueses a Timor em 1515”, com a presença da Embaixadora da República Democrática de Timor-Leste, Dr.<sup>a</sup> Maria da Paixão Costa.

Antes de se ter dado início à sessão do dia, o Diretor da Filatelia dos CTT Correios de Portugal, Dr. Rui Moreira, em conjunto com os Presidentes da Academia de Marinha e do Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, deram início à cerimónia da obliteração do Carimbo Comemorativo dos 500 anos da Chegada dos Portugueses a Timor.

Seguidamente foi apresentada a comunicação “Da Chegada dos Portugueses a Timor até ao fim do processo da Independência”, pelo académico Adriano Moreira. O Professor disse que a relação de Timor com Portugal nunca foi considerada, na opinião das duas comunidades, como colonial, mais sim de amigo. O processo da independência, que cumpriu o programa da ONU, passou pela ocupação japonesa, pela ocupação da Indonésia e finalmente pela tese inovadora portuguesa de que se tratava da invasão de um Estado Independente, o que finalmente lhe concedeu o reconhecimento da igualdade entre as nações.

Na comunicação “Timor. De território desamparado a país reconhecido: acertos e desacertos na sua história”, pelo académico Artur Teodoro de Matos, o professor referiu que foi o comércio do sândalo que atraiu os portugueses a Timor. O sândalo continuou a ser durante séculos a principal exportação da ilha, dirigido sobretudo para Macau. Tal comércio não conduziu, porém, a uma penetração sistemática dos portugueses na ilha, mas apenas a contactos intermitentes em portos do litoral. A penetração portuguesa em Timor deveu-se, por isso, mais aos missionários, que na esteira dos mercadores abordaram à ilha, do que aos próprios mercadores. Estabelecidos em Solor e nas Flores, os dominicanos foram transferindo para Timor o centro da sua atividade.

Durante o intervalo, na galeria da Academia, os participantes puderam apreciar a Exposição documental e bibliográfica sobre a presença da Marinha Portuguesa em Timor, pertencente ao acervo do Arquivo Histórico da Marinha, ao CDIACM e à Biblioteca da Academia de Marinha.

A segunda parte foi iniciada com a comunicação “Reler Revisitar dois estudos sobre Timor no tempo do Grupo de Estudos de História Marítima e do Centro de Estudos de Marinha. 1970-1971”, pelo académico João Abel da Fonseca.

O orador salientou que Timor esteve presente, desde o primeiro momento, há 45 anos, nos trabalhos dos organismos que foram embrião da futura Academia de Marinha. O momento serviu para rever os dois estudos e evocar o Comandante Humberto Leitão, bem como homenagear o Prof. Doutor Luís Filipe Thomaz que até ao presente é o mais antigo membro da Classe de História Marítima, eleito correspondente em 12-12-1973 e efetivo em 13-07-1977.

Por fim foi apresentada a comunicação “A Presença da Marinha em Timor”, pelo académico José Luís Leiria Pinto, que nos testemunhou com a sua experiência a presença da Marinha em Timor, de que foi o último Capitão dos Portos, distribuindo-a em períodos distintos balizados por acontecimentos marcantes, como foram as sucessivas revoltas indígenas que antecederam a implantação da República em Portugal, a “Guerra do Manufai”, a invasão japonesa, a guerra civil de 1975, a invasão indonésia, a independência de Timor-Leste e a chegada da Força Internacional (INTERFET) em 1999 até à atualidade.

Após as palavras de congratulação e agradecimento proferidas pelo Dr. Viegas Freitas, Presidente do Instituto de Cultura Europeia e Atlântica, seguiu-se um momento musical com canções de Timor pelo artista timorense “Zé Camarada”.

Colaboração da **ACADEMIA DE MARINHA**



# SEMINÁRIO DE PSICOLOGIA "SELEÇÃO DE PESSOAL E APOIO PSICOLÓGICO"



No dia 22 de abril, o Gabinete de Psicologia da Polícia Marítima (GPPM) organizou o Seminário de Psicologia subordinado ao tema "Seleção de Pessoal e Apoio Psicológico", que decorreu na Escola de Autoridade Marítima, tendo sido presidido pelo Comandante-geral da Polícia Marítima (CGPM), VALM Silva Ribeiro, na presença de ilustres convidados militares, militarizados e civis.

O Seminário começou com alocução do CGPM que salientou a importância do trabalho prestado pelo GPPM desde o primeiro dia, realçando o empenho e dedicação dos elementos que o compõem, sendo de grande relevo e de grande interesse para a saúde mental de todos profissionais da Polícia Marítima (PM) a existência deste tipo de serviço. De seguida, deu-se início à apresentação das comunicações, terminando com um debate, onde todos puderam colocar as suas questões à Mesa.

O AG Vaz de Carvalho<sup>1</sup> apresentou o GPPM, expondo os objetivos e as ações desenvolvidas nos últimos seis meses, tendo feito um balanço do trabalho já realizado, apto a atuar em situações de crise mas com foco principal na prevenção e manutenção do bem-estar psicossocial dos profissionais da PM.

Seguidamente, interveio o Dr. Francisco Rodrigues<sup>2</sup>, que centrou a sua intervenção na importância da atuação, preferencialmente preventiva, dos psicólogos em contextos militar, militarizado e de segurança, contribuindo decisivamente para o bem-estar individual e organizacional, quer no plano da saúde física e psicológica dos profissionais, quer na própria avaliação psicológica em início da carreira e ao longo da mesma. Quanto ao tema da Seleção de Pessoal, este foi apresentado pela 2TEN TSN-PSI da Escola Naval (EN), Ana Santos<sup>3</sup>, que explanou um conjunto de ações que visam apurar os candidatos, de modo a adquirirem aptidões para o desempenho das funções. No que se refere à importância do Modelo de Intervenção da Guarda Nacional Republicana (GNR), o mesmo foi explicado pela MAJ Cav<sup>4</sup> Lucília Silva<sup>4</sup>, destacando que o referido modelo é constituído por uma linha de apoio psicossocial, disponível 24H. Ficou patente que o perfil da função, utilizado na seleção das forças de segurança, assume um papel de extrema relevância para o futuro desempenho.

No que diz respeito à constituição da Divisão de Psicologia da Polícia de Segurança Pública (PSP), onde se insere o Núcleo Clínico e de Seleção, o Dr. Jorge Silva<sup>5</sup> abordou a importância das etapas de seleção e de reavaliação psicológica ao longo da carreira, para além de destacar que a lei em vigor fará com que o indivíduo seja avaliado em momentos importantes na sua formação profissional.

Quanto ao plano na intervenção psicológica na problemática da adição nas Forças Armadas, a CTEN TSN-PSI Sandra Henriques<sup>6</sup> começou por caracterizar a Unidade de Tratamento Intensivo de Toxicodependência e Alcoolismo (UTITA) como sendo uma Unidade especializada na reabilitação das pessoas com doenças aditivas, aplicando áreas distintas do conhecimento e diferentes valências de intervenção psicológica, particularmente, a psicoterapia de grupo, constituindo-se como uma valência fundamental no tratamento.

Relativamente à ação do Centro de Psicologia Aplicada do Exército (CPAE), o MAJ Garcia Lopes<sup>7</sup> referiu a especial importância do apoio psicológico às Forças Nacionais Destacadas em Missões Internacionais, nomeadamente, nas três etapas: Pré-deslocamento, Deslocamento e Pós-deslocamento, frisando ainda que, em matéria de apoio psicossocial em incidentes críticos, é adotada a metodologia do modelo *Critical Incident Stress Management*.

Para concluir, o Prof. Dr. Rui Ângelo<sup>8</sup> apresentou a política de Proteção Civil (ANPC), nos domínios da prevenção e reação a acidentes graves e catástrofes, de proteção e socorro de populações com a intervenção realizada nos primeiros minutos/horas após o Incidente Crítico, com especial enfoque na ação do operacional – bombeiro, demonstrando a relevância da Psicologia para o desempenho dos operacionais que, direta ou indiretamente, lidam com as situações de emergência. Após as intervenções dos oradores, houve ainda lugar a um período de debate, no qual todos os presentes tiveram a oportunidade de colocar questões, proporcionando o aprofundamento de alguns pontos do seminário.

Por último, o CALM Braz da Silva agradeceu a presença de todos os oradores, pelo enriquecimento alcançado através das suas experiências e conhecimento. De igual modo, congratulou os três Agentes da PM que fazem parte do GPPM pela abnegação e dedicação reveladas, exortando-os a continuar na senda do caminho até agora percorrido, dada a extrema importância da existência do GPPM e o papel que este tem na estrutura da PM.

  
**Luís Miguel Vaz de Carvalho**  
Agente 2º CL PMMG

## Notas

<sup>1</sup> Coordenador do GPPM; <sup>2</sup> Diretor Executivo da OPP; <sup>3</sup> Chefe do Gabinete de Psicologia da EN; <sup>4</sup> Chefe do Núcleo de Psicologia e de Intervenção Social da GNR; <sup>5</sup> Psicólogo Clínico da Divisão da PSP; <sup>6</sup> Subdiretora da UTITA; <sup>7</sup> Subdiretor do CPAE; <sup>8</sup> Chefe de Divisão de Segurança, Saúde e Estatuto da Proteção Civil (ANPC).

## ANIVERSÁRIOS

### NRP CACINE | 47º ANIVERSÁRIO

No passado dia 6 de maio, o NRP *Cacine* celebrou o seu 47º aniversário.

O NRP *Cacine* foi construído no Arsenal do Alfeite e aumentado ao efetivo dos Navios da Armada em 6 de maio de 1969, sendo o primeiro de uma série de dez navios. Os navios da classe *Cacine* foram batizados com os nomes de rios dos territórios ultramarinos portugueses de África e da Índia, tendo este navio o nome do rio mais a sul da Guiné. O NRP *Cacine* e os restantes navios da sua classe participaram na Guerra do Ultramar, dispondo nessa altura de um armamento reforçado para o apoio de fogo contra posições inimigas em terra.

Atualmente desempenha funções de Segurança e Autoridade do Estado no mar e missões de interesse público, nomeadamente fiscalização dos espaços marítimos da Madeira e região Norte do continente e proteção dos recursos, salvaguarda da vida humana, controlo da imigração ilegal e combate ao tráfico de estupefacientes em colaboração e apoio a outras entidades e forças de segurança.



O aniversário foi assinalado com atividades desportivas e com um almoço de convívio para toda a guarnição, seguindo-se o tradicional bolo de aniversário e um brinde à guarnição, ao navio e à Marinha.

Colaboração do **COMANDO DO NRP CACINE**

### DIREÇÃO DE ABASTECIMENTO | 92º ANIVERSÁRIO



No passado dia 23 de maio a Direção de Abastecimento comemorou o seu 92º aniversário. Para assinalar esta efeméride, realizaram-se diversas atividades lúdico-desportivas abertas a toda a guarnição e um embarque no NRP *António Enes*, no dia 12 de maio.

O culminar das festividades ocorreu no dia 25 de maio, com um almoço-convívio realizado nas instalações do seu edifício sede, o qual contou com a presença de antigos Diretores de Abastecimento, alguns convidados e toda a guarnição. Após este agradável convívio, seguiu-se a entrega de prémios, o corte do bolo de aniversário e um brinde à Direção de Abastecimento e à Marinha.

Colaboração da **DIREÇÃO DE ABASTECIMENTO**

## SAIBAM TODOS

### ASSISTÊNCIA NA DOENÇA DOS MILITARES - ADM REGIME CONVENCIONADO

É o sistema de acesso a cuidados de saúde em que o beneficiário recorre a médicos e entidades (não integradas no SNS) com os quais a ADM tem acordos. Estes prestam determinados cuidados de saúde aos beneficiários da ADM, com valores previamente definidos numa tabela convencionada.

Esta tabela reúne os cuidados de saúde disponíveis no regime convencionado, definindo, para cada um deles, quais as importâncias fixadas, respetivamente, como encargo do beneficiário.

Assim, aquando do acesso a cuidados de saúde prestados por estas entidades, o beneficiário paga diretamente ao prestador a parte do custo fixado na respetiva tabela. A parte restante é, por sua vez, assegurada pela ADM.

O recurso a um médico ou entidade com acordo com a ADM garante, por conseguinte, que o beneficiário “recebe” de ime-

diato a comparticipação a que tem direito, ao contrário do que acontece no regime livre, em que primeiro tem de suportar a totalidade dos custos, aguardando depois a comparticipação da ADM.

Assim, as faturas do Regime Convencionado não devem ser enviadas para a ADM, uma vez que já estão comparticipadas, servindo apenas para efeitos de verificação dos valores no IRS.

### PRESCRIÇÕES MÉDICAS

Todas as faturas referentes a exames carecem de prescrição médica com vinheta.

Para aquisição de lentes são aceites só prescrições (com vinheta) passadas por médico oftalmologista ou por optometrista.

As prescrições médicas (com vinheta) para tratamentos de fisioterapia têm de mencionar, sempre, o tipo de tratamentos e o número de sessões.

# UNIVERSIDADE DA VIDA

Uma das prerrogativas dos velhos é o facto de já terem vivido muito e, como tal, terem aprendido muito, por muito burros que o tenham sido.

Quando a vida é aquela que quisemos viver, quando nela corremos alguns cantos do mundo, quando tivemos a oportunidade de a viver com grande intensidade, então estamos formados pela Universidade da Vida, em Cidadania do Mundo.

O canudo está na alma e pode ser lido em cada ruga da cara. A sabedoria é a que vamos aplicando diariamente, fermentada pelo calor humano que nos rodeia e servida com a temperança da idade.

As estórias que contamos, mesmo se imaginadas, mais não são do que reflexo do que já fomos e já vivemos.

Podemos ter mais ou menos jeito para pintar o quadro, mas a paisagem é facilmente reconhecida como já vista ou sonhada.

Os personagens, ainda que ficcionados, podemos vê-los todos os dias passar ao nosso lado na rua, olhá-los na TV ou reconhecê-los nos escaparates dos jornais.

Por muito que queiramos inventar, mais não conseguimos do que inventariar.

Em Macau, pouco tempo depois do 25 de Abril, conheci um médico do Exército, que deixou escapar esta pérola de sabedoria – “Ainda ontem era fascista e querem que hoje já seja comunista? Deixem-me ao menos ler os livros!”

Pois é! Os livros que já lemos e, sobretudo, os que não conseguimos ler! Por falta de tempo, por falta de vontade, por não os sabermos ler!

Já pensaram que a maioria dos livros que se publicam, são-no em línguas de quem nem sequer conhecemos os símbolos gráficos ou os ideogramas que as materializam na escrita, que não tiveram tradução, ou mesmo que a tenham tido, não chegou ao nosso conhecimento a sua existência.

Se repararem, à medida que o tempo passa por nós as crispções vão-se atenuando. Porque há mais elementos de informação para apreciar as situações e, por conseguinte, as coisas não se nos apresentam só como inconcebíveis, intoleráveis, inadiáveis e tantos outros qualificativos começados por “in”.

A Universidade da Vida ensinou-nos a reconhecer o mérito e o desmérito de tudo o que nos rodeia, como forma de defesa e sobrevivência.

Havia velhos lobos do mar que à aproximação de terra já lhe sentiam o cheiro muito antes que a vista a alcançasse.

Os velhos são, pois, uma reserva de conhecimentos que a maior parte das civilizações milenares, como as orientais, respeita e ouve sempre que não encontra nos manuais as respostas de que se precisa.

Funcionam aí, como uma espécie de memória colectiva, que há que preservar.

Os ocidentais atiram-nos para os asilos, para a ignomínia do anonimato mais atroz e só deles se lembram quando querem os seus votos ou constar no seu testamento.

Julgo que o meu diploma da UV não me confere mais que um passaporte para esse esquecimento colectivo.

  
Ferreira Júnior  
CMG

**Nota:** Extraído do livro *TERRA-MAR-E-GUERRA, Cogitações de um Marinheiro Alentejano*.

**N.R.** O artigo não respeita o novo acordo ortográfico.

## LIVROS

A Revista da Armada recebeu um exemplar do livro *Duas Naus, um Cruzador... e duas Fragatas*, das edições da Revista de Marinha, obra coordenada pelo CMG Temes de Oliveira.

Foi igualmente oferecida a obra *Um Barrosão com História*, de Rui Rosado Vieira – editora Cidade Berço.

A Revista da Armada agradece ao VALM Alexandre da Fonseca e ao Dr. Rosado Vieira a oferta dos exemplares, que contribuem para o enriquecimento da nossa biblioteca.



## LOUVORES E CONDECORAÇÕES

Entre muitas outras coisas, julgo que a frase que mais terei ouvido, ao longo da vida na Marinha, foi a de que, tal como os comandos, os louvores e condecorações “Não se pedem, nem se rejeitam”.

É claro que qualquer um de nós, ao longo da vida militar, terá assistido a casos, por vezes levados a cabo de forma bem canhestra, em que tal princípio é claramente posto em causa.

O episódio que hoje se relata leva a crer que, dado o aparente à-vontade, o princípio indicado não seria, num passado não muito distante, muito respeitado.

Na sequência do decidido na Conferência de Berlim, tornava-se necessário, com urgência, promover a permanência, em Cabinda, de uma autoridade portuguesa, pelo que o Governador de Angola, Francisco Ferreira do Amaral, escolheu um dos oficiais subalternos da canhoneira *Zaire*, que estava na Divisão Naval da África Ocidental, para ali prestar serviço, mediante vencimento em duplicado e uma remuneração especial, sendo a sua principal missão a de promover a instalação dos organismos oficiais de governo na zona.

Passados que foram dois anos foi-lhe dada por finda a Comissão, tendo o referido oficial apresentado um relatório ao Governador e escrito, com data de 20 de Agosto de 1887, uma carta ao Ministro da Marinha, na qual descreve a forma como desempenhara a missão que lhe fora cometida.

Começando por referir que, contrariamente ao acordado inicialmente, nunca lhe havia sido concedida a remuneração especial prometida.

Indicando que, aquando da sua chegada, muitos dos povos manifestavam grande simpatia pelos ingleses, refere ter sido graças à sua acção que haviam passado a respeitar a soberania portuguesa.

Fora igualmente graças à sua acção que haviam sido estabelecidos tratados entre os povos de Cabinda e de Banana, e conseguira resolver as questões surgidas

entre os indígenas e entre estes e os comerciantes instalados na zona.

Era também devido à sua acção que se conseguira uma fácil ocupação do território, ocupação essa para a qual nunca necessitara do recurso à força militar, nem tão pouco pedira o apoio dos navios de guerra.

No decurso desses dois anos conseguiu a aquisição de importantes e melhor localizados terrenos para as futuras edificações do governo, promovera a abertura de caminhos, estabelecera o correio regular entre o Congo e a delegação portuguesa em Landana. Tudo fora feito à custa de muita força de vontade, muita coragem e muita paciência e, acrescentava, mais teria feito se por ventura tivesse sido ajudado.

Esclarecia, por fim, que não haviam sido só motivos de saúde a razão para que a comissão tivesse sido dada por finda; tal ficara a dever-se, igualmente, ao facto de não concordar “com as instruções muito pouco latas do actual Governador...”

A carta, de onde se extraíram os elementos referidos atrás, terminava nos seguintes termos:

“O que eu desejava era que me dessem, ou a Medalha dos Bons Serviços, ou um hábito qualquer em atenção aos serviços prestados ou uma cousa semelhante”.

Não consegui apurar qual tivesse sido o desfecho deste caso, mas, a fazer fé na informação que acompanha a carta, não deverá ter tido sucesso nestas suas pretensões.

**Com. E. Gomes**

Fonte: *Angolana* vol. 2

N.R. O autor não adota o novo acordo ortográfico.





QUALIDADE • KNOW-HOW • SEGURANÇA



# PRONTO A VESTIR... PRONTO A SORRIR...

Um dos sinais mais importantes dos militares é o uniforme. O uniforme é exatamente isso: uma forma de tornar uniforme, o que naturalmente o não é – todos nós. Todos os seres humanos na sua infinita diversidade. Se houvesse uma escala adaptada à avaliação estética dos uniformes, a Marinha ficaria, acredito, bem conceituada. Tomo-o mesmo por certo, tendo em conta todas as vezes em que, fardado, fui a um hospital civil; onde antes era apenas o “médico x”, passei a ser o “Doutor fardado”... é todo um outro tratamento...

Também percebi que os marinheiros têm orgulho no seu uniforme e gostam que este lhes assente a preceito. Ora os uniformes, na atualidade, estão dependentes do pronto-a-vestir. Esse facto torna a personagem principal desta história muito importante, pois permite adequar a cada um a imagem da Marinha. Conheço-a há muitos anos, como a conhecem quase todos os marinheiros. É a face humana do fardamento naval.

No seu estabelecimento poucos saem tristes, com o produto fornecido. As formas de agradar ao cliente são múltiplas, mas sempre com uma simpatia extraordinária. Deste modo, não se entrega pura e simplesmente uma camisa, ao contrário, enfatiza-se a qualidade do tecido e a forma “como lhe vai ficar bem...”

No capítulo das calças, mesmo quando o putativo cliente escolhe determinado número, a senhora em causa pode contestar de forma séria, daquela seriedade que tem quem sabe o que faz, o ajuste do modelo ao cliente em questão, afirmando (já com outro modelo na mão): “olhe, essas não lhe estão boas na anca, tenho aqui estas que parecem feitas para si...”

Nos domínios mais finos dos “Jaquetão” e “Dólmen”, não vi, mas ouvi dizer que verdadeiros milagres de cirurgia plástica podem acontecer naquela loja avançada. Ora acontece a redução visível de um abdómen mais protuberante, ou o aligeirar de – muito importante para os militares do sexo feminino – determinadas formas a contento das próprias e do decoro militar.

Estamos, infelizmente, numa época em que são raros os atos verdadeiramente altruísticos. Neste caso, atendendo a que a lojista não é dona do estabelecimento, nem recebe percentagem



pelas vendas do patrão, estas suas atitudes são de uma generosidade que merece destaque. Pela minha experiência, proporcionam sempre uma visita agradável e a sensação de que para algumas pessoas cumprir bem não chega... é preciso cumprir com simpatia...

Um pequeno senão fica nesta história, no que ao autor diz respeito, a lojista em causa guia um carro vermelho vivo, cor que, tenho pena, não se coordena bem com o verde da paisagem, que também está presente nas orientações clubísticas de muitos dos seus clientes. Na verdade, será um pecado que lhe estamos dispostos a perdoar, tendo em conta o arco-íris que transporta na alma e que alegra a nossa vida...

A Marinha ainda tem destas coisas, a capacidade para surpreender, para influenciar as pessoas, para as fazer sentir melhor. Raramente agradecemos as atenções que muitos nos dispensam, ou, pior ainda, tomamos a simpatia dos outros como garantida. Não o é... acontece graças a capacidades como esta de tornar uma loja de fardamento num “pronto-a-vestir-pronto-a-sorrir” e isto é uma arte que não está ao alcance de muitos...

# ESCLEROSE MÚLTIPLA

*A Esclerose Múltipla é uma doença neurológica crónica que afeta o sistema nervoso central. Surge frequentemente entre os 20 e os 40 anos de idade e tem predileção por indivíduos da raça branca. É duas vezes mais comum em mulheres que nos homens. A Organização Mundial de Saúde estima que em todo o mundo existam cerca de 2.500.000 pessoas com Esclerose Múltipla. Em Portugal estimam-se mais de 8 mil. Devido à sua evolução ser habitualmente por surtos e muito variável de pessoa para pessoa, bem como por não haver nenhum sintoma específico, o seu diagnóstico pode demorar anos a ser feito. Para melhor compreensão deste problema foi pedida colaboração à 1TEN MN Carina Fernandes, neurologista.*

## AP – O que é a Esclerose Múltipla?

**CF** – A Esclerose Múltipla é uma doença neurológica na qual é afetado o sistema nervoso central, nomeadamente o encéfalo e a medula espinhal. Caracteriza-se pela perda da mielina, uma membrana que reveste os prolongamentos dos neurónios e cuja função é tornar a condução dos impulsos elétricos entre os neurónios mais rápida.

## AP – O que causa a Esclerose Múltipla?

**CF** – Não se encontra ainda completamente esclarecido o mecanismo fisiopatológico na base da Esclerose Múltipla, mas é sabido que o principal mecanismo subjacente a esta doença é a autoimunidade, ou seja, há uma resposta do sistema imunitário contra alvos existentes no próprio indivíduo. Simplificando: no caso da Esclerose Múltipla são as próprias células de defesa do indivíduo que atacam a mielina, inflamando-a e destruindo-a.

## AP – Existem fatores de risco para esta doença?

**CF** – Sim, já foram identificados alguns fatores que, não sendo inteiramente responsáveis pelo aparecimento da Esclerose Múltipla, aumentam o risco de a vir a desenvolver. Destaco os fatores genéticos, algumas infeções virais e o défice de vitamina D. Atualmente a explicação mais provável para esta doença é: pessoas com fatores genéticos que predispõem à Esclerose Múltipla ao contatarem com um fator ambiental que faz ativar o sistema imunitário levam-no a atacar a própria mielina.

## AP – Quais são os sintomas mais frequentes?

**CF** – A Esclerose Múltipla pode afetar qualquer porção do sistema nervoso central por isso os sintomas possíveis podem ser muito diversos e diferentes de pessoa para pessoa. Uma apresentação frequente da doença é a nevrite ótica (inflamação do nervo ótico que evolui em poucos dias, causando perda de visão parcial e dor num dos olhos). Outros sintomas podem incluir: dificuldade na ar-

ticulação das palavras, alteração do equilíbrio/coordenação motora, falta de força num ou vários membros, dificuldades urinárias, dormência ou formigueiros persistentes, dificuldade em andar. Ao longo da evolução da doença surgem também frequentemente outras queixas, que são: fadiga, depressão, alterações cognitivas, alterações do sono.

## AP – Como pode evoluir a doença?

**CF** – É uma doença crónica, logo, acompanha a pessoa para toda a sua vida. Mas a gravidade dos sintomas é muito variável de doente para doente, podendo em alguns casos ter um curso benigno e noutros ser uma causa de importante incapacidade numa fase precoce. O mais frequente, contudo, é a evolução ser algo intermédio a estes cenários extremos: sintomas menos incapacitantes numa fase inicial (o doente consegue fazer uma vida normal) a que se vão somando posteriormente alterações neurológicas (após vários anos de evolução levam a uma incapacidade significativa).

Existem alguns padrões característicos de evolução da doença ao longo da vida. Frequentemente, a Esclerose Múltipla evolui segundo um padrão surto-remissão, em que existem episódios agudos de sintomas (surtos) e posteriormente períodos de recuperação parcial/total, com estabilidade clínica. Mais rara é a evolução chamada de primariamente progressiva, na qual não existem surtos mas sim uma acumulação progressiva de sintomas neurológicos com perda de algumas funções. Na maior parte dos casos a apresentação inicial é na forma surto-remissão e após vários anos existe uma perda gradual de funções neurológicas (secundariamente progressiva).

## AP – Como se faz o diagnóstico?

**CF** – Habitualmente é feito através da avaliação clínica realizada no Serviço de Urgência ou



na Consulta Externa, considerando as características do doente, as suas queixas (atuais e prévias) e as alterações encontradas no exame neurológico. Pode ser necessário realizar análises ao sangue (para excluir outras causas para os sintomas), Ressonância Magnética (permite visualizar as lesões na substância branca, que representam áreas de desmielinização), Potenciais Evocados (avaliam se a condução dos impulsos nervosos está lentificada) ou Punção Lombar (colhe-se uma amostra do líquido cefalorraquidiano, que envolve o cérebro e a medula espinhal, para confirmar a presença de inflamação e excluir diagnósticos alternativos).

## AP – Quais os tratamentos disponíveis?

**CF** – Não existe ainda cura para a Esclerose Múltipla mas os tratamentos disponíveis são cada vez mais eficazes no seu controlo. Os medicamentos utilizados (imunossuppressores e imunomoduladores) atuam a nível do sistema imunitário, dada a significativa componente de autoimunidade desta doença. Além dos tratamentos dirigidos especificamente à doença, existem outros que podem estar indicados para controlo dos sintomas e melhoria da qualidade de vida, que incluem não apenas medicamentos mas também a reabilitação.



Ana Cristina Pratas  
1TEN MN

[www.facebook.com/participanosaudeparatodos](http://www.facebook.com/participanosaudeparatodos)  
[saudeparatodos@outlook.pt](mailto:saudeparatodos@outlook.pt)

## DESPORTO

### 32º CAMPEONATO DA MARINHA DE FUTSAL

Entre os dias 6 de abril e 12 de maio realizou-se a 32ª edição do Campeonato da Marinha de Futsal, uma das competições com mais participação na nossa instituição, comprovada pela representação máxima dos Agrupamentos nos escalões masculinos e registando-se apenas a não participação do Agrupamento “CCF” no escalão feminino.

Com um registo de 297 participantes, os 35 jogos realizados distribuíram-se pelos pavilhões do CEFA, EN e ETNA.

Marcado por um bom nível competitivo, este campeonato serviu igualmente para pré-selecionar os atletas que integrarão as seleções de futsal da Marinha que, em 2016, marcarão presença em Torres Novas, entre os dias 22 e 25 de novembro, no Campeonato Nacional Militar.

Destacam-se os vencedores por escalão:

#### CLASSIFICAÇÕES

I Escalão	II Escalão	Escalão Feminino
Agrupamento	Agrupamento	Agrupamento
1º BNL	1º BNL	1º EN
2º UAICM	2º UAICM	2º BNL
3º CCF	3º CCF	3º ETNA
4º EN	4º EN	4º UAICM
5º ETNA	5º ETNA	5º —



Vencedor Escalão Feminino: Escola Naval



Vencedor II Escalão Masculino: Base Naval de Lisboa



Vencedor I Escalão Masculino: Base Naval de Lisboa

### 32º CAMPEONATO DA MARINHA DE TIRO PISTOLA 2016

Nos dias 9 e 10 de maio realizou-se o 32º Campeonato da Marinha na modalidade de Tiro de Pistola. Pela carreira de tiro do CEFA passaram 30 atiradores em representação dos seguintes agrupamentos: Base Naval de Lisboa (8), Escola de Tecnologias Navais (5), Escola Naval (8) e Comando do Corpo de Fuzileiros (9).

A prática do tiro desportivo permite desenvolver a concentração, o domínio, a responsabilidade e cultivar a calma. É um desporto fascinante, mas ainda são poucos os praticantes na Marinha.

O CEFA encontra-se disponível para apoiar ao nível técnico sessões de treino com as U/E/O que pretendam dinamizar esta modalidade junto da sua guarnição.

Destacam-se os vencedores por escalão:

Escalão Feminino							
Class	Pont.	NII	P	C	Nome	UEO	Agrup
1º	231	20312	CAD	M	TÂNIA FERREIRA	EN	EN
2º	223	21112	CAD	M	FILIPA MARRACHO	EN	EN
3º	178	9101004	2TEN	TSN	FILIPA PEREIRA	CCF	CCF



Pódio Masculino

Escalão Masculino							
Class	Pont.	NII	P	C	Nome	UEO	Agrup
1º	237	9815204	1MAR	FZ	MARQUES PEREIRA	CCF	CCF
2º	230	21313	CAD	M	GOIS DIONÍSIO	EN	EN
3º	227	1533595	1SAR	FZ	DUARTE PERNA	ETNA	ETNA

## CONVÍVIOS

### NRP ÁLVARES CABRAL | 25 ANOS



À hora de apitar à faina compareceu a 1ª guarnição do NRP *Álvares Cabral* no ponto de “rendez vous” assinalado no Plano de Operações *situ* na BNL, aos 28 de maio de 2016, pelas 11h00.

Ungidos pela chuva matinal que se quis associar à efeméride e pelo sol que dela irrompia, o cerimonial de elevado significado naval foi ao encontro da melhor tradição de respeito e dignidade que todos/as nós partilhamos, mesmo pelas digníssimas esposas (há 25 anos, mulheres a bordo era alarme de “água aberta”).

Alguns olhares de curiosidade e benevolência também nos mais jovens familiares que ali estiveram.

A 10ª guarnição da *Álvares Cabral* cumprira o OST em Plymouth-UK havia uma semana. O Comandante e o Imediato atuais muito dignificaram a cerimónia com a sua presença, intervenção e acompanhamento, prestigiando estes “velhos marinheiros” e assim elevando alto o botão de âncora. O Comandante e Imediato da 1ª guarnição marcaram presença fazendo evocação e, fica para registo, que esta foi talvez a última cerimónia no ativo do Comandante Naval que fora Chefe de Departamento de Armas e Eletrónica. Após o que, em boa formação, se orientaram as pessoas para a boca da barra (messe de sargentos da Base), onde se deu o combate final do dia, num lauto almoço desta família naval.

### FUZILEIROS ESPECIAIS ABRIL DE 1972



No dia 9 de abril realizaram-se as comemorações do 44º aniversário da incorporação de abril de 1972.

O encontro contou com uma visita às ex-instalações da EAM no G1EA, em Vila Franca de Xira, seguindo-se um almoço-convívio no restaurante “Menu Apetecível”, em Vialonga.

### NÚCLEO DE MARINHEIROS DO CONCELHO DE ALANDROAL

Realizou-se no dia 30 de abril o 11º almoço-convívio do Núcleo de Marinheiros do concelho de Alandroal, acompanhados dos seus familiares, na Associação dos Bombeiros Voluntários de Alandroal. O encontro contou com a presença de cerca de 70 convivas. O próximo almoço-convívio ficou marcado para abril/maio de 2017, em local a designar, no mesmo concelho. A Comissão Organizadora agradece a todos que compareceram neste convívio.



## NRP JOÃO ROBY 1ª GUARNIÇÃO

No dia 7 de maio realizou-se um almoço-convívio na “Quinta dos Girassóis”, em Fernão Ferro, da 1ª guarnição do NRP *João Roby*, celebrando os 40 anos do regresso de Timor.

O programa constou de uma celebração eucarística pelos camaradas falecidos e uma visita ao navio.



## COMPANHIA Nº 10 DE FUZILEIROS MOÇAMBIQUE 1971-73



No orgulhoso cumprimento de uma tradição ininterrupta de mais de 40 anos, os membros desta Unidade de Fuzileiros, acompanhados de familiares, viveram o seu convívio anual no passado dia 8 de maio, na Associação de Fuzileiros, no Barreiro, onde mais de oito dezenas de pessoas afirmaram o reforço da sólida amizade e respeito que nasceram com o cumprimento da missão daquela U.F. O almoço do próximo ano decorrerá no Algarve, em local e data a definir oportunamente.

## ELETRÕES EM MOVIMENTO 15º ENCONTRO

No dia 21 de maio realizou-se mais um encontro de gerações de sargentos eletricitistas na delegação do CSA.

O convívio, que decorreu em ambiente de sã camaradagem, contou com cerca de 85 elementos de diversas idades e de diferentes cursos.

Para o ano ficou a promessa de novo encontro.



Foto SMOR E RES José Armada



## VOLUNTÁRIOS DE 1987 29º ANIVERSÁRIO

Realizou-se no dia 28 de maio um jantar-convívio comemorativo do 29º aniversário dos Voluntários de 1987. O evento decorreu num restaurante em Vale Fetal, à semelhança de anos anteriores.

O momento de confraternização trouxe alguma emoção e saudades, especialmente aos que estão afastados da Marinha há já algum tempo.

Como o tempo não foi suficiente para matar todas as saudades, ficou a promessa de marcar novamente presença no próximo ano, para comemorar o 30º aniversário.

## MARINHEIROS DO CONCELHO DO SABUGAL | XXII ENCONTRO

Vai realizar-se, no dia **6 de agosto**, o XXII Encontro Convívio dos Marinheiros do Concelho do Sabugal, que terá lugar na aldeia dos Fóios, Sabugal. As inscrições deverão ser efetuadas até 15 de julho para os seguintes contactos:

Email: [pinto.martins@marinha.pt](mailto:pinto.martins@marinha.pt) / [manso.nunes@marinha.pt](mailto:manso.nunes@marinha.pt) • 1SAR A Pinto Martins TM 960 338 885 • PM 1CL Moisés Nunes TM 965 849 872.



## NOTÍCIAS PESSOAIS

### NOMEAÇÕES

- VALM Edgar de Bastos Ribeiro, comandante do Instituto Universitário Militar
- COM António Manuel Henriques Gomes, comandante da Escola Naval
- CFR Luís Alberto do Carmo Falcato, assessor da Casa Militar do Presidente da República
- CFR Hermínio Alberto de Sousa Miranda, comandante do NRP *Bartolomeu Dias*
- CFR João Paulo Delgado Vicente, comandante do NRP *Almirante Gago Coutinho*
- CTEN António Júlio Freitas Santos Guardado Neto, comandante do NRP *Figueira da Foz*
- CTEN João Paulo Nogueira Madaleno Galocha, comandante do NRP *Viana do Castelo*
- CTEN Luís Pedro Dantas Pereira de Castro, comandante do NRP *António Enes*
- CTEN Paulo Manuel Pedro Martins, comandante do NRP *Schultz Xavier*
- CTEN Eduardo Luís Pousadas Godinho, comandante do NRP *Jacinto Cândido*
- 2TEN João Manuel Cruz Lourenço, comandante do NRP *Dragão*
- 2TEN Bruno José da Cunha Teixeira, comandante do NRP *Pégaço*
- 2TEN Cátia Sofia de Jesus Pacheco, comandante do NRP *Orion*
- 2TEN Marta Filipa Gonçalves Simões, comandante do NRP *Cassio-*

- peia*
- 2TEN João de Sousa Trabula, comandante do NRP *Centauro*
- 2TEN Pedro Filipe Figueira Saial, comandante do NRP *Argos*.

### FALECIDOS

- 71654 CMG EMQ REF Abel Santos da Gama Higgs
- 81852 CMG AN REF Ruy Edgar Machado Trincadeiras
- 1259 1TEN EMQ REF António Augusto da Cunha do Amaral Frazão
- 19364 SMOR L REF Alberto Rosa de Carvalho
- 245673 SCH SE REF Sílvio de Almeida
- 315953 SAJ V REF Francisco Pereira Fernandes
- 299152 SAJ TF REF José Inácio
- 51275 SAJ A REF António Alberto Quintas
- 273651 SAJ CE REF António da Silva Reis
- 153046 SAJ V REF José Borges
- 338953 1SAR B REF Carlos Gomes Silveira
- 196951 CAB TFD REF Custódio Vieira de Oliveira Clerigo
- 129886 CAB A José Eleutério Inocêncio
- 752561 CAB FZ REF Manuel de Oliveira Fernandes
- 337879 CAB V REF Luís Manuel Lopes Craveiro de Sousa
- 218149 CAB A REF João da Silva Ramalho
- 48773 CAB M REF José Luís Leonardo da Fonseca
- 31003558 AG 1CL REF QPPM José Algarvio Quaresma
- 36011368 FAROLCHEFE APOS Albino José Rosa Lourenço
- 36010767 FAROLSUBCHEFE APOS Arnaldo Augusto.

## CONVÍVIOS

### 10ª COMPANHIA - 1ª INCORPORAÇÃO DE 1984 | 32º ANIVERSÁRIO

Decorreu no dia 12 de março o encontro comemorativo do 32º aniversário da 10ª companhia da 1ª incorporação de 1984.

O convívio teve o ponto de encontro junto à Capitania do Porto do Douro, seguindo-se uma visita à zona da Ribeira do Porto. Seguiu-se um passeio de cruzeiro pelo rio Douro. O encontro decorreu num ambiente de grande alegria e amizade, recordando-se os momentos do passado.

O convívio terminou com um magnífico almoço na Ribeira, no Restaurante “Chez la pin”. [www.eam10companhia.com](http://www.eam10companhia.com)



### DESTACAMENTO 13 DE FUZILEIROS ESPECIAIS | GUINÉ 1968-1970



No dia 9 abril, os Fuzileiros do DFE13, acompanhados por familiares e amigos, “desembarcaram” em Atouguia da Baleia (Peniche) a fim de comemorarem o 48º aniversário do início da sua comissão na Guiné. Após concentração no adro da Igreja de N. Srª da Conceição, foi ali celebrada Missa pelos Mortos da Unidade (em combate e posteriormente), seguidamente homenagea-

dos com deposição de coroa de flores junto do Monumento aos Militares mortos no Ultramar naturais de Atouguia da Baleia. Presente o Presidente da Junta de Freguesia.

A confraternização teve lugar no restaurante “A Bateira”, em ambiente de muita amizade e recordações, e com a animação musical do nosso “artista” Antonino (“Peniche”).

O Comandante do DFE, Almirante Vieira Matias, salientou o excelente comportamento de Todos durante a Comissão, superando exigentes e duras condições com elevado desempenho operacional que mereceu superior reconhecimento. Referiu também o espírito de unidade criado que permite estes reencontros anuais.

A organização esteve a cargo de Antonino Pinto (“Peniche”) e Luís Alves (“Guiné”), com os apoios do Corpo de Fuzileiros, da BNL, da Escola de Fuzileiros e da Direção de Transportes, aos quais muito se agradece.



## SÍMBOLOS HERÁLDICOS

### CAPITANIA DO PORTO DE TAVIRA



*José Cabrita*

#### DESCRIÇÃO HERÁLDICA

Escudo de prata com duas torres fenestradas ligadas por ponte ameada, tudo de vermelho e lavrado de negro. Duas âncoras de azul, uma em chefe e outra em campanha. Coronel naval de ouro forrado de vermelho. Sotoposto listel ondulado de prata com a legenda em letras negras maiúsculas, tipo elzevir, «CAPITANIA DO PORTO DE TAVIRA».

#### SIMBOLOGIA

As duas torres de vermelho, ligadas por ponte ameada, constituem elementos do brasão municipal de Tavira. As âncoras, sinónimo de perseverança, firmeza e segurança, sublinham a ligação ao mar e à Autoridade Marítima.



## SÍMBOLOS HERÁLDICOS

### CAPITANIA DO PORTO DE VIANA DO CASTELO



*José Cabrita*

#### DESCRIÇÃO HERÁLDICA

Escudo de azul com uma cruz maçanetada de ouro. Entre os braços da cruz quatro âncoras de prata dispostas em aspa, com as unhas para o centro. Coronel naval de ouro forrado de vermelho. Sotoposto listel ondulado de prata com a legenda em letras negras maiúsculas, tipo elzevir, «CAPITANIA DO PORTO DE VIANA DO CASTELO».

#### SIMBOLOGIA

A cruz de ouro maçanetada é um elemento do brasão de João Velho, o velho, que no final do século XV se sobrelevou ao serviço de D. João II entre os heroicos filhos de Viana do Castelo. As âncoras, sinónimo de perseverança, firmeza e segurança, sublinham a ligação ao mar e à Autoridade Marítima.